



Si Chen

**Imagem da China em Dois Jornais Portugueses
(2019)**



Si Chen

**Imagem da China em Dois Jornais Portugueses
(2019)**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Português Língua Estrangeira/Língua Segunda, realizada sob a orientação científica do Doutor Carlos Manuel Ferreira Morais, Professor Auxiliar do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro

Dedico este trabalho aos meus pais pelo incansável apoio.

o júri

presidente

Prof. Doutor António Manuel dos Santos Ferreira
Professor Associado com Agregação da Universidade de Aveiro (Presidente)

Prof.^a Doutora Rosa Lídia Torres do Couto Coimbra e Silva
Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro (Arguente)

Prof. Doutor Carlos Manuel Ferreira Morais
Professor Auxiliar da Universidade de Aveiro (Orientador).

agradecimentos

Gostaria de agradecer a todos os que me apoiaram durante a realização deste trabalho, especialmente ao Prof. Carlos Morais, o meu orientador, pela sua paciência, disponibilidade e sugestões valiosas.

Ao Departamento de Línguas e Culturas pela oportunidade de formação no mestrado em PLE e em outras línguas e culturas.

Aos meus amigos chineses e portugueses e aos Rodrigues por me acompanharem, ajudarem e mimarem.

Aos meus pais por acreditarem em mim e me apoiarem em todos os momentos da vida.

À minha vida em Portugal.

palavras-chave

Imagem da China, Jornalismo, Discurso Jornalístico, Análise de Quadros, Análise Crítica do Discurso

resumo

Esta dissertação, realizada no âmbito do Mestrado em Português Língua Estrangeira/Língua Segunda, da Universidade de Aveiro, propõe-se analisar a imagem da China em jornais portugueses. Foram selecionados textos jornalísticos de 2019 em dois dos jornais generalistas mais representativos e influentes em Portugal – o *Público* e o *Jornal de Notícias*. O presente trabalho pretende identificar a imagem da China nos jornais portugueses, esclarecer os estereótipos e os mal-entendidos, bem como esclarecer uma imagem mais objetiva, justa e completa, através do estudo de um *corpus* de notícias selecionadas. Estabelecido o *Corpus* de notícias sobre a China nos dois jornais selecionados e servindo-nos do software MAXQDA, faremos análises quantitativas e qualitativas das amostras, utilizando teorias interdisciplinares de Jornalismo, Análise de Quadros e Análise Crítica do Discurso.

keywords

Image of China, Journalism, Journalistic Discourse, Frame Analysis, Critical Analysis of Discourse.

abstract

This dissertation, carried out within the scope of the Master's Courses in Portuguese as a Foreign Language / Second Language, University of Aveiro, proposes to analyze the image of China in Portuguese newspapers. They were selected journalistic texts from two of the most representative and influential generalist newspapers in Portugal- The *Público* and the *Jornal de Notícias*. The present work aims to identify the image of China in Portuguese newspapers, clarify stereotypes and misunderstandings, as well as clarify a more objective, fair and complete image, through the *Corpus* study of selected news. Established the *Corpus* of news about China in the two selected newspapers, using the MAXQDA software, we will make quantitative and qualitative analyzes of the samples, using interdisciplinary theories of Journalism, Frame Analysis and Critical Analysis of Discourse.

Índice

Introdução	1
0. Objetivos e Metodologia.....	4
Parte I - Enquadramento Teórico	9
Capítulo 1. A China e Portugal: passado e presente	11
Capítulo 2. Imagem de um país e o jornalismo	16
2.1. Imagem de um país	16
2.2. Relação com o Jornalismo	17
2.3. Análise Crítica do Discurso e Análise de Quadros (<i>Frames</i>).....	19
Parte II – Construção da Imagem da China	23
Capítulo 3. Análise do <i>Corpus</i>	25
3.1. Jornais selecionados: <i>Público</i> e <i>Jornal de Notícias</i>	25
3.2. Análise quantitativa	27
3.2.1. Estatística cronológica	27
3.2.2. Estatística Temática	31
3.2.3. Fontes de Informação	34
3.3. Análise Qualitativa	39
3.3.1. Temáticas e Atitudes	40
3.3.1.1. Política.....	40
3.3.1.2. Economia	43
3.3.1.3. Diplomacia	46
3.3.1.4. Ciência e Tecnologia.....	49
3.3.1.5. Sociedade	51
3.3.1.6. Cultura, Educação e Lazer	54
3.3.1.7. Outros.....	56
3.3.2. Análise Crítica do Discurso.....	58
3.3.2.1. Citação Direta.....	59
3.3.2.2. Implicatura	61
3.3.2.3. Sensacionalismo	64

Capítulo 4. Imagem da China	65
Parte III: Razões e Sugestões.....	67
Cap. 5 Elementos que afetem a imagem da China.....	69
5.1. Efeitos dos Quadros (<i>Frames</i>)	69
5.2. Interesse do País	70
5.3. Dimensões Culturais	71
Cap.6. Sugestões	72
6.1. Renovação da Informação	72
6.3. Intensificação dos Intercâmbios do Jornalismo e da Cultura.....	73
6.4. Equilíbrio entre perfeito e imperfeito.....	75
Conclusão	77
Referências bibliográficas.....	79

Índice de Tabelas

Tabela 1: Número de notícias por mês.....	28
Tabela 2: Estatística Cronológica – Codificação das temáticas no <i>Público</i>	29
Tabela 3: Estatística Cronológica – Codificação temática no JN	29
Tabela 4: Estatística de Categorias e Subcategorias dos dois jornais	32
Tabela 5: Fontes de Informação do jornal <i>Público</i>	36
Tabela 6: Fontes de Informação do JN	36
Tabela 7: Outros – Conteúdos e Atitudes no <i>Público</i>	57
Tabela 8: Outros – Conteúdos e Atitudes no JN	58
Tabela 9: Resumo da Imagem da China	66

Índice de Figuras

Figura 1: Página de Entrada do MAXQDA.....	5
Figura 2: Painel de Operação do MAXQDA.....	6
Figura 3: Página da Edição Impressa do <i>Público</i>	26
Figura 4: Página da Edição do dia do JN.....	27
Figura 5: O Modelo Clássico de Comunicação (MCC).....	38

Índice de Gráficos

Gráfico 1: Número de Notícias por Mês	28
Gráfico 2: Estatística de Categorias Temáticas dos dois jornais	33
Gráfico 3: Fontes de Informação do jornal <i>Público</i>	37
Gráfico 4: Estatística Temática- Economia	43
Gráfico 5: Estatística Temática- Diplomacia.....	47
Gráfico 6: Estatística Temática- Ciência e Tecnologia.....	49
Gráfico 7: Estatística Temática- Sociedade.....	51
Gráfico 8: Estatística Temática – Cultura, Educação e Lazer.....	54

Introdução

A imagem de um país faz parte essencial do seu poder e influência internacionais. O desenvolvimento económico, o poder militar, a tecnologia, a cultura, a política, entre outras áreas, são domínios que afetam a sua imagem. Neste âmbito, os *media* assumem uma particular importância na formação de uma opinião pública.

O jornal, sendo um meio antigo, mas confiável, conquanto tenha perdido importância na sociedade contemporânea, continua a ter a preferência de muita gente que busca informação do dia a dia, seja na versão em papel, seja na versão *online*, de leitura mais rápida, consentânea com a sua disponibilidade de tempo.

Em relação ao estudo de línguas, ler jornais é um meio eficaz para aumentar o vocabulário e alargar o conhecimento sociocultural. Como estudante chinesa de um curso de Português como Língua/ Estrangeira, costumo ler jornais portugueses quer em edição digital quer em papel, interessando-me especialmente por notícias sobre a China. Apesar de Portugal e a China ficarem nos extremos opostos da Eurásia, a comunicação e a amizade entre os dois povos são seculares.

Através de imprensa escrita e das televisões portuguesas, bem como pela minha experiência real em Portugal, sinto a simpatia, a curiosidade e a compreensão da maioria dos portugueses em relação a este país do Oriente. No entanto, de vez em quando, também sofro de estereótipos e preconceitos, encontro algumas notícias parciais e comentários insensatos. Isto causou-me algum desconforto no início, mas a pouco e pouco, comecei a conter o meu patriotismo primário, ponderando as palavras dos *media* e das pessoas. Como é a China para os portugueses?

Nos últimos 40 anos, após a Reforma e Abertura, a China tem-se vindo a desenvolver a ponto de se ter tornado num dos países mais influentes do mundo. Com o alargamento da sua influência, a aceleração da globalização e as comunicações internacionais intensificadas, o estudo da imagem do país despertou a atenção de muita gente e começaram a ser diversas as investigações associadas a este assunto. No entanto, os principais estudos concentraram-se nos países de maior influência mundial e com

uma relação próxima ou muito sensível com a China, tais como os EUA, o Japão, a Índia, a Inglaterra, entre outros. Como as relações com a China se têm vindo a fortalecer nos tempos mais recentes com os países de língua portuguesa, já se realizaram alguns estudos sobre a imagem da China no Brasil, pela importância que adquiriu a cooperação económica entre os dois países. Contudo, no caso de Portugal, ainda não existem muitos estudos sobre o modo como a imprensa portuguesa (importante, como dissemos, na formação de opinião) olha para o gigante chinês.

Tendo em conta o que foi observado, pretendemos fazer esta investigação com o objetivo de desenhar uma imagem da China relativamente completa, através da análise quantitativa e qualitativa de um *corpus* de textos jornalísticos. Porque o tempo que temos para desenvolver este projeto de investigação é escasso, decidimos restringir a seleção de textos ao ano de 2019, em dois jornais generalistas – o jornal *Público* e o *Jornal de Notícias*.

Esta dissertação é composta por três partes:

Parte I: Enquadramento teórico, em que são abordados alguns conceitos fundamentais da relação sino-portuguesa, do jornalismo, do estudo da imagem do país e, em particular, da Análise Crítica do Discurso e da Análise dos Quadros.

Parte II: Construção da imagem da China através de descodificação do *corpus* de textos jornalísticos relacionados com este país do Oriente, nos dois jornais selecionados, no ano de 2019. A análise quantitativa e a qualitativa é feita com o apoio das ferramentas MAXQDA e Excel.

Parte III: Razões e Sugestões. Pretendemos propor e esclarecer as razões possíveis que afetem a imagem da China nos jornais portugueses, bem como apontar sucessos e defeitos nas reportagens sobre a China, nos dois jornais selecionados. Depois,

tentaremos fornecer alguns conselhos aos *media* portugueses e chineses, a fim de mostrarem uma China mais completa e verdadeira ao povo português e ao mundo.

Desejamos que este trabalho constitua um precioso instrumento para diminuir os mal-entendidos e os estereótipos, contribuindo assim para melhorar a compreensão sobre a China e para aprofundar a amizade entre os dois povos.

0. Objetivos e Metodologia

O presente trabalho tem por objetivo estabelecer um *corpus* de textos jornalísticos sobre a China, nos dois jornais selecionados e desenhar uma imagem da China relativamente completa, através de análises quantitativa e qualitativa. Para tal, definimos ainda seis objetivos específicos:

- i. Construir um *corpus* de textos sobre a China nos jornais selecionados;
- ii. Fazer o levantamento dos temas mais abordados;
- iii. Analisar os conteúdos linguísticos: termos mais usados, vocabulário, linguagem estereotipada, técnicas de escrita jornalística, chavões, etc.
- iv. Reconhecer a influência do jornalismo para a imagem de um país;
- v. Esclarecer as razões possíveis da formação desta imagem;
- vi. Tentar apresentar algumas ideias para melhorar a imagem da China em Portugal.

No presente trabalho serão aplicadas as teorias interdisciplinares do Jornalismo, da imagem de país, da Análise de Quadros e da Análise Crítica do Discurso, bem como a pesquisa quantitativa e a qualitativa.

O processo de investigação distribui-se por quatro fases:

1. Pesquisa quantitativa: criação de um *corpus*

O *Corpus* é uma compilação de documentos ou informações relativas a uma disciplina ou a um tema.¹ Num primeiro momento, vamos fazer o levantamento dos

¹ Fonte: *Corpus* no Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2020.Consultada em 16 de fevereiro, 2020.

Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/corpus>

textos sobre a China em 2019 nos jornais *Público* e *Jornal de Notícias* para criar um *corpus* de investigação no software MAXQDA (versão 2018). Este é um software que permite a análise de dados qualitativos de textos, como entrevistas, transcrições, gravações em áudio/vídeo, revisões de literatura etc. Suporta arquivos de texto, áudio, vídeo, imagem, PDF e tabelas.² Pode ser descarregado no site oficial <https://www.maxqda.com/>.



Figura 1: Página de Entrada do MAXQDA

Depois de se importar/criar o projeto, aparecem quatro janelas de operação: Documentos, Visualizador de Documentos, Lista de Códigos e Lista de Codificações. De seguida, podemos categorizar os dados através da utilização de códigos, cores e símbolos. Também temos as funções básicas para editar conteúdos: sublinhar, comentar, adicionar anexos e *hiperlinks*, entre outros.

² Fonte: Site do MAXQDA. Consultada em 17 de junho, disponível em: <https://www.maxqda.com/brasil/software-analise-qualitativa>

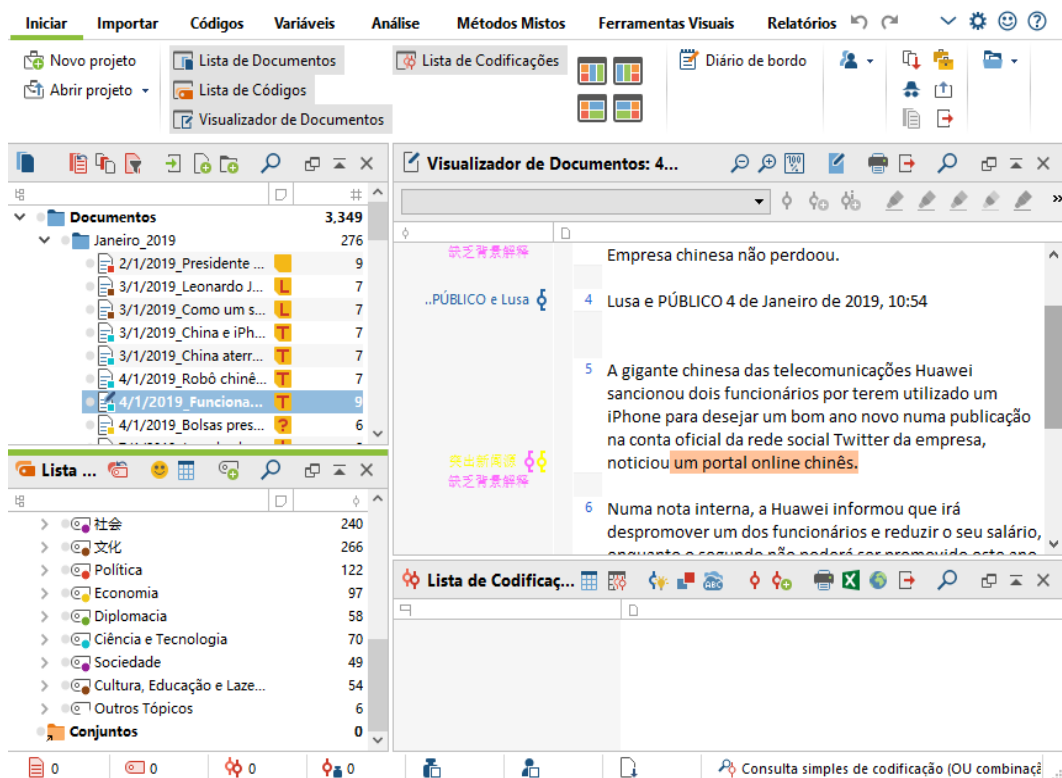


Figura 2: Paine de Operação do MAXQDA

O MAXQDA possui ferramentas poderosas para analisar os dados de forma quantitativa ou qualitativa, manual ou automática. As funções de análise incluem a pesquisa lexical, consulta de codificação, comparação quantitativa e qualitativa entre grupos, etc. Permite formar mapas dos códigos para verificar relações conceituais e visualizar a matriz de códigos, mostrando a frequência dos códigos em cada segmento. Através da função de extração, os resultados de codificação de arquivos ou de segmentos podem ser exportados para se apresentarem em outros documentos ou gráficos.

Para a construção do *corpus*, seguimos estes dois critérios:

- i. **Definição de requisitos de seleção.** Foram recolhidos artigos sobre a China relativos ao ano de 2019, nos dois jornais, nas edições digitais e em papel. Excluíram-se os artigos com a palavra-chave “China” ou outros termos

relacionados com a China no título ou no texto, quando o assunto principal não especificamente sobre a China.

ii. **Seleção e compilação dos textos jornalísticos correspondentes aos requisitos.**

Na pesquisa das edições em papel, utilizámos um método tradicional, mas confiável: percorrer todas as edições nos sites dos dois jornais selecionados. No que toca a conteúdos digitais, no jornal *Público*, conseguimos procurar artigos nos arquivos do site do jornal com a palavra-chave “China”. No caso do *Jornal de Notícias*, uma vez que a pesquisa do site liga diretamente à pesquisa do Google, procuramos a palavra-chave “China JN” na pesquisa geral do Google e no Google Notícias, com um intervalo de pesquisa não superior a 15 dias, para evitar negligência por causa do excesso de informações. Para facilitar as nossas análises, renomeámos no Software MAXQDA os textos jornalísticos na forma de “Data + Título”, adicionámos informação do autor na nota do texto, colocámos os textos por ordem cronológica e a lista dos autores por ordem alfabética.

2. Organização dos dados: definição de temáticas

Na 2.^a fase, vamos definir as temáticas referidas nos textos do *corpus*, distribuindo-as por sete categorias³:

- Política (nacional e internacional);
- Diplomacia (relação sino-portuguesa, relação com outros países e regiões, etc.);
- Economia (economia nacional, comércio internacional);
- Ciência e Tecnologia (telecomunicações, espaço, etc.);

³ Encontram-se subtemáticas diferentes nos dois jornais.

- Sociedade (Justiça, direitos humanos, direitos animais, censura e espionagem, proteção do ambiente, catástrofes e incidentes, etc.);
- Cultura, Educação e Lazer (arte, viagens, tradições, religião, desporto, etc.);
- Outros.

3. Pesquisa quantitativa e qualitativa: tratamento dos dados

Nesta fase, vamos construir uma imagem da China relativamente completa, partindo da análise das notícias selecionadas. Em favor da exatidão das estatísticas, utilizámos o Excel para o registo de informações em data, autor, título, temático, link do site ou do documento local, bem como para a elaboração de gráficos e tabelas de resultados. No MAXQDA, procedemos à categorização e à análise textual, bem como à codificação das atitudes (positiva, neutra, negativa) refletidas pelas notícias. Além disso, também foram exemplificados alguns assuntos representativos, de modo a decodificar as técnicas de escrita no jornalismo e os conteúdos na vertente linguística.

4. Ponderação: presunção das razões e sugestões

Nesta última fase, tentamos propor e esclarecer as razões possíveis que afetem a imagem da China nos jornais portugueses. Em face aos resultados obtidos, tentámos apontar os sucessos e os defeitos nas reportagens sobre a China, nos jornais selecionados, e oferecer alguns conselhos à imprensa portuguesa para poder transmitir uma imagem da China mais completa e objetiva. Oferecemos ainda conselhos aos *media*, a fim de que divulguem uma melhor imagem da China no palco mundial, aumentem a credibilidade pública dos *media* chineses e reforcem o poder suave do país.

Parte I - Enquadramento Teórico

Capítulo 1. A China e Portugal: passado e presente

Apesar de Portugal e a China ficarem nos extremos opostos da Eurásia, a comunicação entre os dois países é secular. No final do século XV, os aventureiros portugueses estabeleceram os primeiros contactos entre a Europa e o Oriente. Em 1513, Jorge Álvares chegou à Ilha de Ling-Ting e, por volta de 1535, os portugueses começaram a fazer comércio em Macau e aí se fixaram na década de cinquenta do século XVI.⁴ Desde então, a língua e a cultura portuguesas radicaram-se nesse canto a China. Na época dos Descobrimentos, soldados, oficiais, comerciantes, missionários e até poetas, pessoas de todas as classes sociais fizeram-se ao oceano durante meses e anos para poderem conhecer essa terra antiga e misteriosa.

De acordo com Barreto (2017, pp. 85-94), as relações diretas, regulares e contínuas entre a Europa e a China vão-se desenvolvendo, podendo dividir-se em três grandes fases: do século XVI ao século XIX; de 1800 a 1970; e a partir de 1980.

“A primeira macro fase, datável a partir de 1509, é o momento em que portugueses e chineses, europeus e chineses, falam diretamente num quadro de relações comerciais globais que, a partir daí, começam a ser contínuas e regulares. Falam, encontram-se, trocam produtos, ideias. [...] Portugal tem a sua função estratégica, como diz Fernando Pessoa, fomos, então: “Olhos e ouvidos da Europa no Mundo”. Portugal é a face com que a Europa olha o Mundo.”

Com a Revolução Industrial, sobretudo, entre 1830 e 1840, entramos numa segunda fase de relações, que vai terminar na década de setenta do século XX. É uma fase de ocidentalização, de europeização do Mundo, à qual a China e a Índia não fugiram. Esta dimensão europeia reflete-se na “tradução de conceitos e de categorias novas/modernas/industriais para a língua chinesa em ciência, tecnologia, ciências sociais” (Barreto, 2017, p. 88).

⁴ Fonte: Missão de Macau em Lisboa. (1998). *Fernão Mendes Pinto e os mares da China*. Lisboa. Disponível em <https://www.ua.pt/sbidm/biblioteca/fmp>. Consultada em 18 de fevereiro.

Neste momento, estamos a viver a terceira fase, em que Portugal adquire relevância no quadro das relações com a China, mercê do desenvolvimento da China e de Portugal e da importância quer da plataforma Macau, quer do universo da língua portuguesa. Como refere Barreto (2017, p. 88):

“[É] uma fase em busca de um de maior equilíbrio no sentido de partilhar ganhos e lucros, mesmo que a partilha de lucros seja evidentemente sempre diferenciada, pois não há partilha igual de lucros.”

Podemos encontrar as primeiras impressões dos portugueses sobre a China, no século XVI, inscritas no livro *Antologia dos Viajantes Portugueses na China*, traduzido por Wang Suoying (1998, pp. 5-12):

“Na reportagem para o governador da Índia, o Padre Francisco Xavier⁵ escreveu: Na China, seja adulto seja criança, todos se dedicam ao estudo. Uma criança que queira aprofundar o seu estudo vai visitar um intelectual conhecido, que normalmente são os oficiais locais, vão-lhe ensinar e patrocinar o seu estudo. [...] Em 1533, ia oferecer ao oficial dos impostos de Cantão um anel de rubi e outras decorações. Ele recusou e disse que ia castigar quem me deu esta ideia de corrupção. [...] Os governadores não são habitantes locais. Se ele for de Guangzhou, vai trabalhar em Quanzhou; se ele for de Quanzhou, vai trabalhar em Zhenhai. Assim os oficiais cumprem melhor a justiça.”

“Em 1554, o Padre Belchior⁶ fez uma reportagem sobre os costumes e leis da China: os chineses gostam de construir cidades no sítio com a maior solidez e na margem dos enormes rios... Todas as cidades têm muralhas feitas de cal e pedra ou tijolo. Nas grandes cidades, há pontes e edifícios magníficos. [...] Geralmente, os nobres acham honroso construir um arco de triunfo elevado em dois lados da rua... Os chineses não fazem igrejas ou mesquitas, vão todos aos templos. São muito supersticiosos. Todos acreditam em bruxaria, predição e tarot. Até iam consultar ao templo se era adequado sair de casa num determinado dia. [...] Têm muita justiça. A decisão nunca vem só de um lado, mas de outros fora da situação.”⁷

5 Francisco Xavier, missionário católico português. Exerceu a sua atividade missionária no Oriente, especialmente na Índia e no Japão.

6 Padre Belchior, ou Melchior Carneiro Leitão, foi um ilustre bispo jesuíta português que realizou muitas ações missionárias, de caridade e de beneficência em Macau.

⁷ As traduções são nossas.

Durante centenas anos, a imagem que o mundo ocidental tinha da China era muito positiva e atraente. No entanto, desde o fim do século XVIII, a admiração pelo Oriente transformou-se em ambição de conquista e de ocidentalização. Como refere Lima, no seu livro sobre imigração chinesa (2008, p. 1)⁸:

“O chinês passou a ser considerado um povo antiprogresso, estático, estacionário. A ideia de decadência estava presente na crítica à China e foi difundida e ampliada no século XIX, pela recusa de abrir seus portos para o Ocidente, entrando em choque frontal com o imperialismo inglês, e ainda devido ao crescimento assustador do consumo do ópio na China.”

Entretanto, a partir de meados do século XX, sobretudo nas últimas décadas, ocorreram grandes mutações na China, a vários níveis, que influenciaram as suas relações com o resto do mundo. De acordo com Matias (2010, p. 31), as grandes mudanças económicas, sociais, políticas, culturais e ideológicas foram a base dos confrontos entre a China e as potências ocidentais, mas foram também o culminar das transformações que ao longo dos séculos se foram construindo. Até ao início do século XXI, a China desenvolveu percursos que, no limiar deste século, mostraram ao mundo que era uma superpotência em franco desenvolvimento.

Centremo-nos no ano de 2019, que vai ser objeto do nosso estudo. Foi um ano muito importante para a relação sino-portuguesa, porque se assinalaram os 20 anos do regresso de Macau à China, os 40 anos do estabelecimento de relações diplomáticas sino-lusófonas e os 70 anos da fundação da República Popular da China. Atualmente, os dois países estão dispostos a intensificar o intercâmbio e a cooperação programática em vários aspetos — economia, investimento, ciência e tecnologia, educação, cultura, turismo, entre outros. Como sublinhou o Presidente Xi Jinping, na sua visita oficial a Portugal, em dezembro de 2018, as relações entre Portugal e a China estão a “entrar no melhor período da História”. Na área de economia o BCP, em cooperação com a

⁸ Lima, S. C. de S. (2008). *Os filhos do império celeste: a imigração chinesa e sua incorporação à nacionalidade brasileira*. Consultada em 28 de Fevereiro, 2020. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/rede-da-memoria-virtual-brasileira/alteridades/imigracao-chinesa/>

Unionpay Internacional da China, tornou-se a primeira instituição financeira europeia a emitir cartões de Unionpay. Em maio desse ano, Portugal emitiu dívida pública em Renminbi (*panda bonds*), tornando-se o primeiro país da zona euro a fazê-lo. A COFCO Internacional inaugurou o Centro de Serviços Partilhados em Matosinhos, criando 150 postos de trabalho, no primeiro ano, após a abertura, e terá cerca de 400 vagas de emprego nos próximos anos.⁹ As empresas chinesas Fosun, China Three Gorges, ZTE, Huawei, State Grid etc., continuam a desempenhar um papel ativo no mercado português. No âmbito da iniciativa “Uma faixa Uma Rota”, os dois países assinaram um “Memorando de entendimento”. Na educação e cultura, foi inaugurado o quinto Instituto Confúcio em Portugal, na Universidade do Porto, e o ensino de mandarim chegou a mais escolas portuguesas. Na ciência e tecnologia, além da cooperação na construção de 5G, estabeleceu-se um novo laboratório tecnológico STARLab, um projeto conjunto, em Peniche e em Matosinhos, para a construção de microssatélites e de instrumentos de observação dos oceanos.

De facto, é indesmentível que os dois países, neste momento, têm uma boa relação diplomática e empresarial. Porém, existem algumas razões que levam a que a imagem da China aos olhos portugueses não seja, por vezes, tão positiva como seria de esperar. Por exemplo, a expansão chinesa no comércio, ainda que trouxesse oportunidade de empregos de conveniência, aumentou a tensão com os negócios de portugueses, especialmente com os de pequena dimensão. De facto, nesta nova era, um dos primeiros contactos dos portugueses com o povo chinês deu-se com a aparição de pequenas lojas chinesas, um pouco por todo o país. Estas lojas de conveniência competiram diretamente com os comércios portugueses da altura, apelidados de “loja dos trezentos”. Devido à alta competição, com preços mais baixos, uma maior oferta e uma rápida expansão, o comércio português foi rapidamente ultrapassado e esquecido nesta área. Isto levou a um descontentamento da população, tanto da parte dos antigos donos das

⁹ Cai, Run (2019), *Resultados frutíferos da cooperação económico-comercial e do investimento China-Portugal*, *Diário de Notícias*. Disponível em <https://www.dn.pt/edicao-do-dia/15-jun-2019/resultados-frutiferos-da-cooperacao-economico-comercial-e-de-investimento-china-portugal-11011654.html>

lojas, como da população que não gostava de ver o comércio nacional a desaparecer. Deste modo, as emoções de nacionalismo obnubilaram a razão, só porque os chineses ofereciam preços demasiado apelativos ao consumidor, que assim não lhes podia resistir, levando ao fecho das lojas portuguesas do género.

Ademais, a imagem da China como um país “sujo”, de enormes fábricas poluidoras e destruidoras do ambiente, de uma ditadura, com leis como a de filho único, com uma censura comparável à da época de Salazar, de desrespeito pelos direitos humanos e dos animais, de roubo de patentes etc., formatou a mente de muitas pessoas com estereótipos e preconceitos.

Apesar de a situação ter mudado bastante nos últimos anos, em virtude da intensificação das comunicações, as opiniões antigas continuam a manter-se nas cabeças de muitas pessoas. O ser humano está biologicamente programado para ter medo do desconhecido. Está na sua natureza e é impossível ignorar ou escapar a este facto; e daí ao estereótipo vai um curto passo. A distância cultural leva também a situações em que são formadas opiniões erradas sobre um país. Para uma pessoa comum, aquilo que não entende, incomoda-a, mete-lhe medo, causa-lhe ansiedade e repulsa. E, assim, tenta encontrar razões para o seu desconforto onde elas não existem. Isto corresponde à teoria de “Estrangeiro”. Para Karakayali (2009, pp. 538-562), que cita Georg Simmel, o “estrangeiro” é um membro do grupo em que vive e participa, contudo, mantém distância com outros membros do grupo. Essa distância está associada à origem do estrangeiro. Ele é percebido como “estrangeiro” no grupo e, mesmo estando em relação constante com outros membros do grupo, a sua “distância” é mais enfatizada do que a sua “proximidade”. No âmbito das relações internacionais, o efeito do Estrangeiro vai causar uma barreira de comunicação entre países.

No nosso trabalho de recolha de artigos de jornais relacionados com a China, encontrámos um do colunista Miguel Esteves Cardoso, intitulado de *O vinho e o chá*.

Transcrevemos aqui a sua opinião que traduz o que pensamos sobre este assunto (Cardoso, *Público*, 6 de fevereiro de 2019)¹⁰:

“Quando uma pessoa quer saber de nós é boa educação querer saber dessa pessoa. Se os chineses se interessam por nós seria boa altura de nós nos interessarmos por eles. Reduzir a China à política é uma cegueira. A civilização chinesa é grande demais para conhecer sem ser por alto, mas é pior fingir que não existe só para preservar a nossa ignorância. Pior ainda é só querer conhecer aquilo que a China escolheu censurar. Isso é apenas um reflexo narcísico: sermos especialistas naquilo que nós permitimos e eles não.”

Capítulo 2. Imagem de um país e o jornalismo

2.1. Imagem de um país

Com o crescimento da globalização, a forma como se transmite a imagem de um país assume uma importância crucial, visto que uma boa imagem pode trazer bastantes benefícios, enquanto uma imagem menos positiva pode causar constrangimentos e afastar possibilidades de cooperação com outros povos.

Nos últimos anos, os investigadores realizaram vários estudos sobre a imagem de um país, sob diferentes perspetivas. Kotler, Rein & Haider (1993, p. 141) consideram que a imagem de país é uma soma de crenças, ideias e de impressões. Para Roth & Romeo (1992, pp. 477- 497), a imagem de um país é uma percepção geral dos seus produtos, baseada na percepção prévia da produção desse país e da sua solidez e fraqueza no marketing. Por sua vez, Freeman (1997, p. 41) considera que o prestígio internacional ou a fama internacional de um país indica uma imagem ideal desse país para o Outro, o estrangeiro, através da projeção dos seus resultados em termos de moral, de conhecimento, de ciência e tecnologia, de economia, de poder militar, etc.

¹⁰ Cardoso, Miguel Esteves (2019), *O Vinho e o Chá*. Miguel Esteves Cardoso. *Jornal Público*. Consultada em 1 de março. Disponível em <https://www.publico.pt/2019/02/06/opiniao/opiniao/vinho-cha-1860840>

No tocante às definições dos intelectuais chineses, Guan (2000, p. 23) entende que a imagem de um país é algo complexo. É o reconhecimento e avaliação do público interior e exterior sobre o país, são os comportamentos do país, são os diversos eventos e os seus resultados correspondentes. Xu Xiaoge (2000, p. 27). considera que a imagem de um país é uma imagem formada nos fluxos de notícias internacionais, ou uma imagem apresentada na novidade dos *media* de outros países. De acordo com Li Shouyuan (1999, p. 305), a imagem de um país é uma conformação do próprio país e do seu povo na plataforma mundial e é um reflexo da opinião pública no contexto internacional.

Face ao exposto, podemos chegar à conclusão de que a imagem de um país é um conceito multidimensional, que pode ser analisado do ponto de vista das relações internacionais, da comunicação social, da interação cultural, entre outros. Neste contexto, os *media* desempenham um papel significativo na formação da opinião pública e da imagem de um país, tanto para o próprio povo como para o estrangeiro, pois os *media* servem-se dos nossos olhos e ouvidos, complementam e afetam a nossa opinião. Deste modo, vale a pena estudar a imagem da China nos *media* estrangeiros, dado que ter uma boa imagem vai, sem dúvida, favorecer a diplomacia e alargar a influência do país no palco mundial. É muito importante que outros países aumentem o conhecimento e a compreensão em relação à China, aproximando as diferenças culturais e estreitando as relações diplomáticas.

2.2. Relação com o Jornalismo

Para conceber essa imagem, em primeiro lugar, tem de se recolher informações relacionadas com o país. O método mais direto consiste em viver uma experiência no país, que é a forma de obter informações mais convincentes. Mas a imagem também se forma a partir de informações alheias – das pessoas que conheçam o país e partilhem

connosco as informações. Outro método, provavelmente o mais comum e conveniente, hoje em dia, é o de recolher informações através dos *media*, para que possamos aceder a tudo o que acontece no mundo, de forma imediata, ultrapassando, assim, as barreiras da distância.

Rádio, televisão, Internet... redes sociais, tudo é imediato na comunicação de notícias. Neste contexto de notícias ao minuto, qual é o papel da imprensa escrita na sociedade contemporânea? O jornalista canadiano, Michael Valpy, citado por Hugo (2016, pp. 35-36), considera que as notícias veiculadas por “meios eletrónicos geram questionamentos, enquanto os jornais impressos enfatizam a reflexão, a opinião, a crítica e a análise”. Concordando com esta opinião, Tuzzo (2016, p. 36) acrescenta ainda:

“A grande maioria dos entrevistados creditou à mídia impressa maior veracidade das informações do que quando transmitidas através de meios eletrónicos, especialmente na internet. A força de interactividade disponível na internet é em permitir que os usuários questionem e investiguem a veracidade das informações, enquanto no impresso, a “verdade” é registrada. Para eles, a internet proporciona mais distração do que cultura e as notícias são rápidas e superficiais. O jornal não é visto como superficial, mas sim como profundo. Os jornalistas gostam de enfatizar que o rádio diz, a televisão mostra e o jornal explica.”

No contexto atual da popularização da internet e da competição de novas formas de veicular notícias, os jornais estão a transformar-se e integrar-se na nova era da comunicação social. Bastos (2010, p.33) apresentou as três fases da evolução do ciberjornalismo em Portugal: “a da implementação (1995-1998), a da expansão ou “boom” (1999-2000) e a da depressão, seguida de estagnação (2001-2007)”. Nota-se que essa nova forma traz muitas vantagens. Pode-se aceder às informações sem limite de espaço e ler jornais de outros países, pode-se guardar o *link* do artigo de que se gosta e relê-lo em qualquer altura, e o hipertexto ajuda a adquirir informações relacionadas com o artigo em questão. Uma outra grande vantagem é a sustentabilidade, pois os jornais impressos gastam recursos naturais e humanos e depois de serem lidos provavelmente vão para lixo. No entanto, hoje em dia, a introdução dos jornais

impressos na Internet resulta da constatação das empresas jornalísticas de que o seu negócio não é a venda de papel mas a produção e difusão de informação, independentemente do suporte utilizado (Silva, 2006, p.24).

Trata-se de um modo diferente de tratar a informação, que também nos traz riscos, como por exemplo, a desinformação ou a informação manipulada por interesses políticos ou económicos, em especial a informação que é divulgada nas redes sociais. Edo (2003, pp. 353-380) afirmou que “uma utilização enviesada do jornalismo interpretativo se pode transformar numa autêntica fraude para os leitores, o que ocorre sempre que se confunde ou se mistura informação e interpretação com opinião”.

No entanto, apesar de estarmos na era das tecnologias, o jornal continua a ser uma fonte de informação imprescindível (quer em papel, quer *online*), na qual os leitores confiam, pelo que as notícias veiculadas influenciam a imagem que uma pessoa possa ter sobre um país.

Assim, através da análise da imagem apresentada pelos jornais portugueses seleccionados, podemos saber quais são as informações veiculadas sobre a China e conhecer a sua posição e atitude perante factos e acontecimentos ocorridos na China. E, face às informações incompletas ou injustas, procuraremos dar alguns conselhos para melhorar a imagem da China em Portugal.

2.3. Análise Crítica do Discurso e Análise de Quadros (*Frames*)

A atividade jornalística desenvolve-se em dois planos. Se, no primeiro plano, o plano do *récit*, prevalece o saber sobre “aquilo de que se fala”, no segundo, o plano do discurso, prevalece o saber sobre “de que modo é que se fala” e “porque é que se fala” (Rebelo, 2000, p. 41).

Sendo um meio de comunicação antigo, os jornais servem-se de uma força revelante para transmitir a informação. Nota-se que as informações que nos chegam, na

verdade, dependem das fontes, de escolhas jornalísticas, de estratégias da edição. De acordo com Fairclough, (1995, p.4), existe uma diferença entre a “história real” e a “apresentação da história real”. No mesmo sentido, Emília Pedro, no seu estudo *O Discurso dos e nos Media* (1998, p. 307), conclui:

“As escolhas de textualização são guiadas por escolhas ideacionais e interpessoais e pelo objetivo de, direta ou indiretamente, influenciar a forma como a mensagem veiculada é recebida, interpretada e interiorizada pelo público consumidor. É da consciência deste pressuposto que os “fazedores de opinião” partem para a elaboração e a formulação daquilo que querem dizer e do modo como querem que seja entendido aquilo que querem dizer.”

“Naquilo de que se fala”, aplica-se muito a Análise Crítica do Discurso (ACD). Desenvolvida desde os anos setenta, esta é uma área do estudo, que integra várias disciplinas e que considera a “linguagem como uma forma de prática social” (Fairclough, 1989, p.20). Na ACD, encontramos um processo analítico que julga os seres humanos a partir da sua socialização, e as subjetividades humanas e o uso linguístico como expressão de uma produção realizada em contextos sociais e culturais, orientados por formas ideológicas e desigualdades sociais (Pedro, 1998, p. 21).

No século XX, surgiu a teoria *Frame Analysis*, nas áreas da Sociologia e da Psicologia. Erving Goffman, sociológico e escritor canadiano, introduziu primeiro essa teoria no estudo sociocultural. No seu livro *Frame Analysis: An essay on the Organization of Experience*¹¹, considera que o conceito dos quadros consiste em compreender os vários tipos de situações quotidianos onde a atribuição de realidade e irreabilidade está presente e em que medida as situações também organizam formas de articular a interpretação daquilo que acontece (Goffman, 2012, p.30). Citado por Danilo Martins (2014, p. 181), o autor acrescenta (2012, p. 15):

“Um exemplo do processo de enquadramento da realidade é aquele exercido pela mídia de acordo com as notícias cotidianas veiculadas [...]. Nas narrativas

¹¹ Tradução portuguesa: Goffman, E. (2012). Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise. Petrópolis: Vozes.

engendradas pelos *frames* que se fortalecem as crenças sobre o funcionamento do mundo [...] Nossa compreensão do mundo precede as histórias, determinando quais delas os repórteres selecionarão e como serão contadas aquelas que foram selecionadas”.

No estudo do jornalismo, a *Frame Analysis* evoluiu para o método qualificativo-*Framing*. Segundo Luís Hangai, além de identificar e analisar os elementos que compõem o quadro jornalístico, os estudiosos dessa área também demonstram uma notável preocupação em verificar os “quadros dominantes”, isto é, os tipos de enquadramento interpretativo que mais abundam nos noticiários. Parte-se do pressuposto de que qualquer produção jornalística precisa de recorrer a recursos externos para completar o seu quadro e posteriormente publicá-lo (Hangai, 2012, p. 5). Por um lado, os *frames* ajudam os jornalistas a organizar a informação e a formar a opinião. Por outro lado, consolidam os estereótipos e limitam as opiniões dos leitores. Tendo em consideração o exposto, tentámos perceber, neste estudo, os “quadros dominantes” nas notícias sobre a China, que realmente contribuem para a formação da imagem da China refletida pelos jornais portugueses.

Parte II – Construção da Imagem da China

Capítulo 3. Análise do *Corpus*

3.1. Jornais selecionados: *Público* e *Jornal de Notícias*

Nesta segunda parte, vamos fazer uma análise de um *corpus* de artigos jornalísticos sobre a China. Para tal, selecionamos dois jornais – *Público* e *Jornal de Notícias* (JN) –, que são dois dos jornais generalistas com maior circulação em Portugal.

Desde o fim do século XX, os jornais começaram a investir na Internet. O JN foi o primeiro jornal nacional a colocar a sua edição na internet, no dia 2 de julho de 1995 (Basto, 2000, p.173). O *Público* também lançou a sua edição *online* nesse mesmo ano, mas apenas em setembro. Nota-se que à escala global, a imprensa está a perder a sua importância pelo aparecimento de novas formas de veicular notícias. Em Portugal, a circulação da imprensa escrita também não escapou a esta quebra mundial. De acordo com a reportagem da APCT¹², no período entre janeiro e outubro de 2019, *Correio da Manhã*, *Jornal de Notícias* e *Público*, os três diários generalistas cujos números são auditados pela APCT, venderam no seu conjunto, em média, menos 11.028 exemplares por edição, comparativamente ao período homólogo em 2018. O *Correio de Manhã*, com uma média de 73.787 exemplares vendidos por edição, continuou a liderar a circulação paga. Apesar de ser o jornal mais vendido, decidimos não o estudar devido do seu cariz sensacionalista.

O segundo mais vendido, o *Jornal de Notícias*, foi fundado em 1888 no Porto, pertencendo, atualmente, ao grupo Global Media. Encontra-se agora abaixo da fasquia dos 40 mil exemplares. No fim dos primeiros 10 meses de 2019, tinha uma média de 39.600 exemplares vendidos por edição, o que corresponde a uma descida de 7,5% por comparação com os 42.810 exemplares vendidos em igual período de 2018.

O *Público*, lançado em 1990, pertence ao grupo Sonae. É um jornal de referência em Portugal e no mundo da língua portuguesa, que “aposta no jornalismo independente e de qualidade, valores vitais para a democracia”. É o terceiro diário mais vendido e

¹² APCT: Associação Portuguesa para o Controlo de Tiragem e Circulação.

também é aquele que melhor está a resistir à tendência de erosão, apresentando uma circulação impressa paga de 17.434 exemplares, o que corresponde a uma diminuição de 1,6% no número de vendas.¹³

Além de serem jornais com grande circulação, a outra razão pela qual os escolhemos foi a relativa facilidade que oferecem na recolha de informações. No *site* de ambos, encontra-se, disponível para assinantes, a edição diária em papel, a um preço justo. Os dois jornais têm duas versões: uma edição de Lisboa e outra do Porto, cuja diferença está somente na parte das notícias locais. Ademais, pode-se aceder e descarregar todas as edições em PDF, com opção de datas, desde 2001 até ao presente. Na mesma página, apresentam-se os títulos das notícias por categorias, com o objetivo de facilitar a pesquisa dos leitores. O *Público* revela uma maior conveniência e flexibilidade do que o JN.

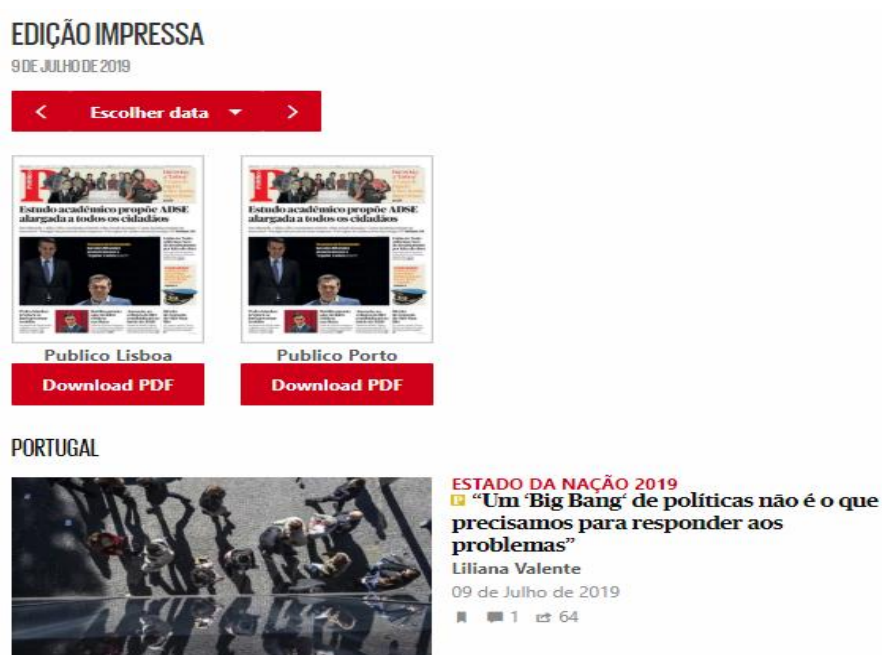


Figura 3: Página da Edição Impressa do *Público*

¹³ Durães, Pedro, *APCT: Generalistas continuam a perder circulação impressa paga*. Consultada em 2 de janeiro de 2020, disponível em <https://www.meiosepublicidade.pt/2019/04/apct-2019-arranca-quebras-na-imprensa-generalista/>

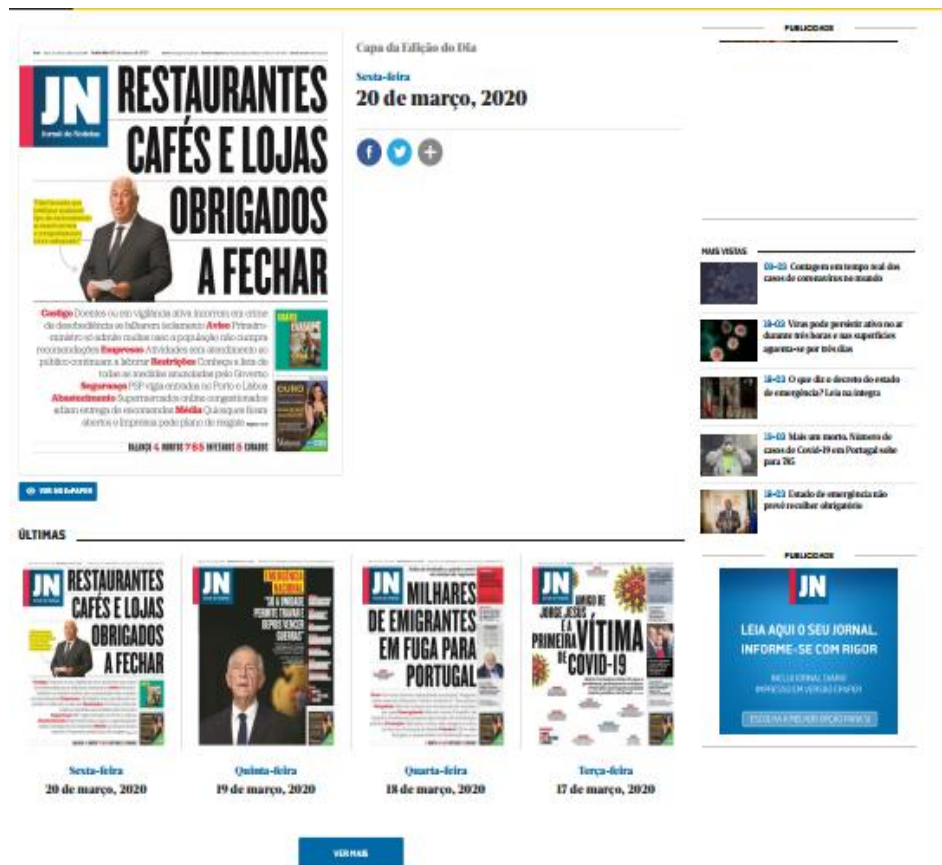


Figura 4: Página da Edição do dia do JN

3.2. Análise quantitativa

3.2.1. Estatística cronológica

A quantidade de notícias reflete o nível de atenção dos *media* relativamente a um certo tema ou um determinado país.

Para a realização deste estudo, constituímos um *corpus*, com um total de 844 notícias sobre a China, durante o ano de 2019, nos dois jornais selecionados: 456 notícias são do jornal *Público*; 388 do JN. No quadro que se segue, apresentamos as notícias por mês em cada um dos periódicos:

Mês	<i>Público</i>	JN
janeiro	37	24
fevereiro	35	12
março	41	24
abril	42	24
maio	32	23
junho	24	33
julho	26	38
agosto	43	54
setembro	43	29
outubro	31	47
novembro	47	47
dezembro	55	33
Total	456	388

Tabela 1: Número de Notícias por Mês

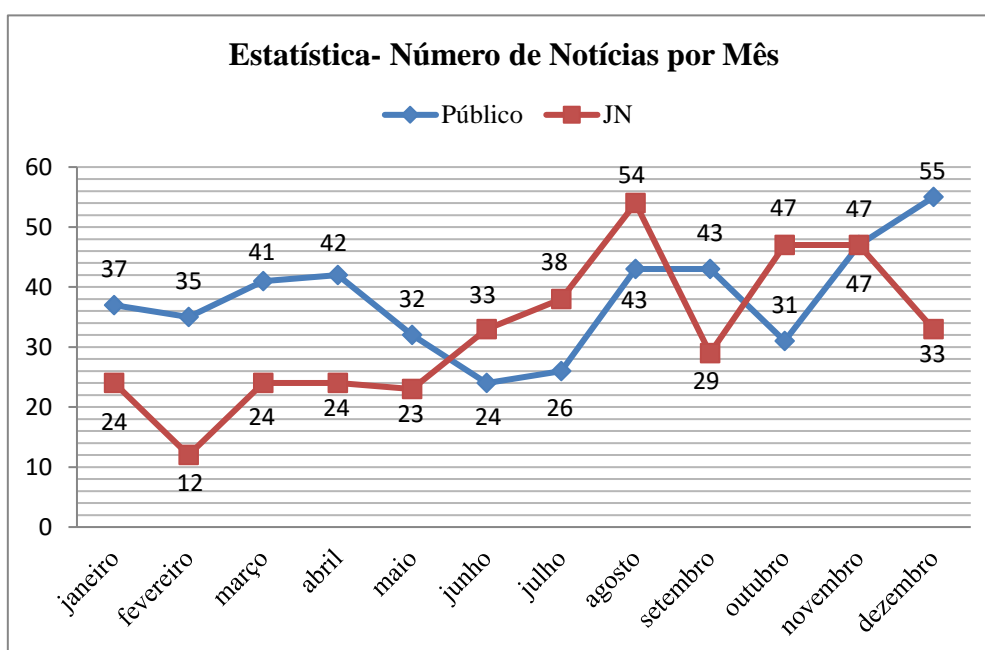


Gráfico 1: Número de Notícias por Mês

Pela observação da Tabela 1 e do Gráfico 1, concluímos que os dois jornais possuem uma quantidade considerável de notícias sobre a China. No entanto, nota-se

uma flutuação com tendência e frequência diferentes. Na maioria dos meses de 2019, o *Público* teve mais artigos sobre a China do que o JN.

Visando conhecer as mudanças da quantidade em cada temática, fizemos as tabelas seguintes, usando a função analítica do MaxQDA. Neste software, é possível categorizar informações relevantes através da utilização de códigos, cores, símbolos ou mesmo emoticons. Na codificação das temáticas, marcámo-las com sete cores: Amarelo – Economia; Política – Vermelho; Diplomacia – Verde; Sociedade – Roxo; Ciência e Tecnologia – Azul; Cultura, Educação e Lazer – Castanha; Outros – Branco. Mostram-se na primeira coluna os sete códigos temáticos e na primeira linha os doze meses.

代码系统	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maior	Junho	Julho	Agosto	Sete	Outubro	Novembro	Dezembro	No total
> Política	3			3	2	13	14	15	17	13	25	17	122
> Economia	8	11	8	12	12	3	2	14	7	9	8	3	97
> Diplomacia	3	8	5	12	4	2	2	3	5	1	2	11	58
> Ciência e T	12	7	14	8	8		3	2	3	2	3	8	70
> Sociedade	3	3	3	5	3	2		4	6	5	6	9	49
> Cultura, E	7	6	10	2	3	3	5	4	4	1	3	6	54
> Outros Tóp	1		1			1		1	1			1	6
Σ No total	37	35	41	42	32	24	26	43	43	31	47	55	456

Tabela 2: Estatística Cronológica – Codificação das Temáticas no *Público*

代码系统	Jan	Fev	Mar	Abr	Maior	Junh	Julh	Ago	Set	Out	Nov	Dec	No total
> Política	4		2	3		10	16	28	13	15	22	9	122
> Economia		2	4	2	3	2	1	9	2	6	5	3	39
> Diplomacia	3	1	1	11	3	3	3	1	2	4	8	5	45
> Ciência e T	6	3	6	1	11	4	2	1	1	6	4	3	48
> Sociedade	8	2	7	5	6	11	13	11	7	11	6	10	97
> Cultura, E	2	2	3			2	2	4	2	1		3	21
> Outros	1	2	1	2		1	1		2	4	2		16
Σ No total	24	12	24	24	23	33	38	54	29	47	47	33	388

Tabela 3: Estatística Cronológica – Codificação Temática no JN

Segundo o Gráfico 1, há três descidas na curva do jornal *Público*, correspondentes a janeiro-fevereiro (37-35), abril-junho (42-24) e setembro-outubro (43-31). A primeira descida foi relativamente discreta, enquanto a segunda ocorreu durante dois meses consecutivos, diminuindo num total de 20 artigos. Pela observação da Tabela 2, percebemos que essa diminuição ocorre principalmente nas temáticas Economia e Diplomacia. Pelo contrário, houve um aumento na temática Política. A maior descida mensal foi de 12 artigos, que aconteceu entre setembro e outubro, em que não se nota uma diferença revelante numa única temática. Existiram descidas ligeiras em várias temáticas.

No resto do ano, acontecem três subidas na quantidade dos artigos: a primeira entre fevereiro e abril (35-42) foi uma subida estável; a segunda, entre junho e setembro (24-43) houve uma subida acentuada, tendo a temática de Economia merecido uma especial atenção, em agosto; a terceira subida, entre outubro e dezembro (31-55), foi significativa, sobretudo na Política (outubro a novembro) e na Diplomacia (novembro a dezembro).

Em relação ao *Jornal de Notícias*, e de acordo com os dados apresentados no Gráfico 1, encontram-se mais crescimento e estabilidade do que decréscimo no número de artigos. Existem três descidas, janeiro-fevereiro (24-12), agosto-setembro (54-29) e novembro-dezembro (47-33). Entre as quais, com uma diminuição de 25 unidades, a segunda tornou-se a maior descida. No segundo período, a descida de 25 artigos acontece sobretudo em quatro temáticas: sobretudo em Economia e Política, mas também em Sociedade e Cultura. Relativamente a outros meses, observa-se um progressivo aumento entre fevereiro e agosto (12-54), especialmente, entre julho e agosto (38-54). De facto, o número dos artigos aumentou 16 unidades por mês, em consequência da atenção prestada à Política e à Economia. No período de setembro-outubro (29-47), ocorreu a maior subida, em consequência de um incremento de reportagens nas áreas da Ciência e da Tecnologia.

Ao analisar as duas curvas conjuntamente, é possível descortinar um período de subida conjunta, entre junho e agosto, mais concretamente de julho a agosto, em que ambos jornais apresentaram um grande aumento de notícias: no jornal *Público*, na área de Economia; no JN, na área da Política. Ademais, entre maio e junho, agosto e outubro, bem como entre novembro e dezembro, as tendências dos dois jornais revelaram-se contrárias.

Face aos dados reunidos, somos levados a acreditar que ambos os jornais manifestaram um grande interesse por notícias relacionadas com a China. Apesar de, pontualmente, as duas curvas mostrarem tendências semelhantes, na maior parte das vezes, os dois jornais manifestaram interesse por temáticas relativamente diferentes.

3.2.2. Estatística Temática

Em consequência da diferença dos conteúdos nos dois jornais, decidimos categorizar as temáticas em dois níveis. Dividimos os artigos recolhidos em sete categorias de primeiro nível, tal como o que já referimos na análise anterior: Política, Economia, Diplomacia, Ciência e Tecnologia, Sociedade, Cultura Educação e Lazer e Outros. No segundo nível, ou seja, nas subcategorias, algo diversificadas, vamos considerar as semelhanças e divergências entre os dois jornais. Seguem-se os resultados na tabela 4:

Jornal Público				Jornal de Notícias			
Categoria	Subcategoria	Quant.	Proporção	Categoria	Subcategoria	Quant.	Proporção
Política:122	Política Nacional	2	26.75%	Política:122	Política Nacional	1	31.45%
	Hong Kong	97			Hong Kong	105	
	Macau	13			Macau	4	
	Tibete	1			Tibete	1	
	Taiwan	9			Taiwan	10	
					Militar	1	
Economia: 97	Mercado	3	21.27%	Economia: 39	Mercado	4	10.05%
	Economia Nacional	8			Economia Nacional	4	
	Finanças Públicas	2			Finanças Públicas	3	
	Comércio 84	Comércio Internacional			Comércio 28	Comércio Internacional	
		Investimentos				Investimentos	
		Guerra Comercial				Guerra Comercial	
Diplomacia: 58	Portugal	19	12.72%	Diplomacia: 45	Portugal	15	11.60%
	U E	12			U E	2	
	EUA	6			EUA	19	
	Venezuela	5			Venezuela	1	
	NATO	4			G7	1	
	Mundo	3			Coreia do Norte	2	
	Alemanha	1			Canadá	3	
	Itália	1			França	1	
	Afeganistão	1			Brasil	1	
	Coreia do Norte	2					
	Canadá	1					
	Paquistão	1					
	Pacífico sul	1					
	Timor-Leste	1					
Ciência e Tecnologia: 70	Telecomunicações	53	15.35%	Ciência e Tecnologia: 48	Telecomunicações	38	12.37%
	Biologia e Medicina	10			Biologia e Medicina	3	
	Espaço	6			Espaço	5	
	Técnica	1			Técnica	2	
Sociedade: 49	Direitos humanos	17	10.75%	Sociedade: 97	População	1	25%
	Proteção do ambiente	Natureza			Proteção do ambiente	Natureza	
		Poluição				Poluição	
	Censura e espionagem	10			Censura e espionagem	10	
	Catástrofe	5			Catástrofe e incidente	27	
	Crime e Corrupção	3			Urbano	1	
	Democracia	1			Direitos dos animais	2	
	Envelhecimento da População	1			Direitos humanos	25	
Cultura, Educação e Lazer: 54	Cultura	28	11.84%	Cultura, Educação e Lazer: 21	Cultura	6	5.41%
	Viagem	11			Viagem	3	
	Desporto	9			Desporto	11	
	Educação	5			Religião	1	
	Religião	1					
Outros:6			1.32%	Outros:16			4.12%
Total: 456			100%	Total: 388			100%

Tabela 4: Estatística de Categorias e Subcategorias dos dois jornais

A Política foi a temática mais reportada pelos dois jornais e o tema de “Hong Kong” foi o que efetivamente mereceu maior atenção. As duas categorias que apresentam uma maior diversidade de tópicos são Diplomacia e Sociedade. Em Economia, além da “Guerra Comercial”, o jornal *Público* também se interessou muito pelos “Investimentos”. Na Diplomacia, os dois jornais manifestaram interesses relativamente diferentes. Como jornais portugueses, ambos promoveram reportagens e notícias sobre as relações diplomáticas luso-chinesas. No entanto, podemos afirmar que o jornal *Público* deu uma maior atenção à Diplomacia da China. Em Ciência e Tecnologia, é de salientar a quantidade de artigos sobre telecomunicações, supostamente por causa das polémicas da Huawei. Na Sociedade, ambos apresentaram uma variedade significativa. Porém, o *Público* interessou-se muito pelas questões dos Direitos Humanos. Já o JN deu mais atenção a Catástrofes e Incidentes.

Para facilitar a comparação, fizemos o seguinte gráfico:

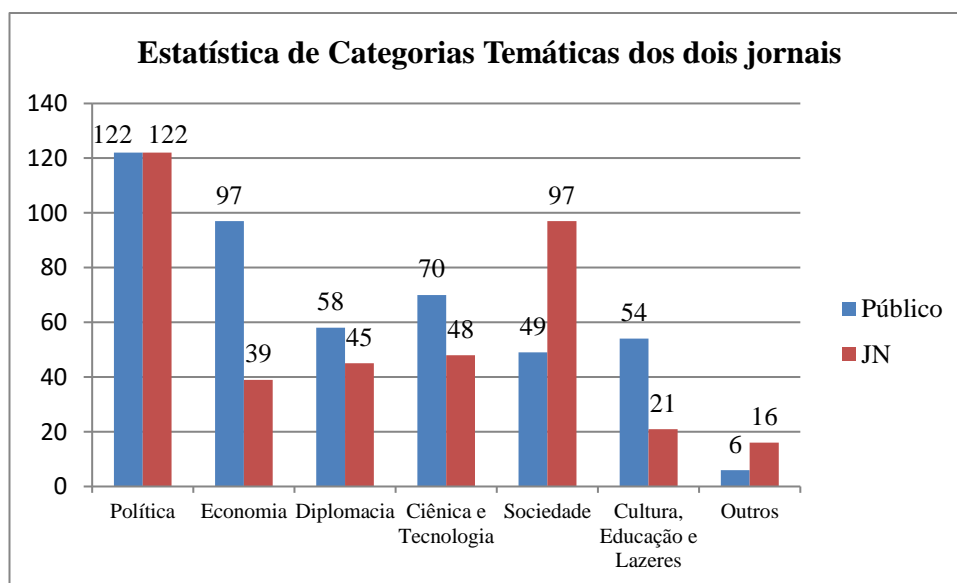


Gráfico 2: Estatística de Categorias Temáticas dos dois jornais

3.2.3. Fontes de Informação

As fontes de informação desempenham um papel indispensável na produção de notícias. Segundo Traquina (2004, pp. 85-86), “as notícias são o resultado de processos complexos de interação social entre agentes sociais: os jornalistas e as fontes de informações; os jornalistas e a sociedade; os membros da comunidade profissional, dentro e fora da sua organização”.

Existem diversas definições sobre as fontes de informação das notícias. Seguimos a definição de Schmitz (2011, p. 9), que consideramos bastante clara e objetiva:

“As fontes de notícias são pessoas, organizações, grupos sociais ou referências; envolvidas direta ou indiretamente a fatos e eventos; que agem de forma proativa, ativa, passiva ou reativa; sendo confiáveis, fidedignas ou duvidosas; de quem os jornalistas obtêm informações de modo explícito ou confidencial para transmitir ao público, por meio de uma mídia.”

Cogita-se, com muita frequência, a respeito da qualidade e credibilidade das fontes de informação de que os jornalistas se servem para informar o público. Na verdade, o jornalismo depende das fontes de informação, sem as quais “não existe” informação decisiva, o detalhe poético, a versão esclarecedora, a frase polêmica, a avaliação especializada (Chaparro, 2001, p. 43).

Ademais, com o desenvolvimento da Internet, as informações podem circular de maneira mais eficaz, sem limites geográficos, o que, por um lado, facilita a recolha de informações, e, por outro lado, acentua a competição dos jornais na corrida para a aquisição da informação. Desta forma, muitas vezes encontramos um mesmo artigo em sítios de jornais diferentes. Nas palavras de Schmitz (2011, p. 9), “o mundo moderno obriga o jornalista a produzir notícias que não presencia nem entende”. Esta realidade compeliu à criação de assessorias de imprensa, que articulam as informações entre a fonte e o jornalista.

As fontes são, no fundo, o verdadeiro segredo do poder da imprensa. Grande parte do seu poder não advém, por si só, das instituições noticiosas, mas das fontes que as alimentam com informações (Michael, 2003, p. 134). Assim, como refere Rui Gomes (2012, p. 90), em virtude da proximidade e da dependência que os jornalistas têm em relação aos poderes das administrações dos órgãos de informação escrita, o conteúdo final da notícia reflete estes interesses, pois o poder económico tenta reduzir drasticamente a autonomia das redações, promovendo, muitas vezes, ambiguidades discursivas e consequentes contradições.

Existem várias formas de classificar as fontes. Neste estudo, por limite de tempo, vamos dividir as fontes em cinco grupos:

1. **Fonte Interna.** São as informações obtidas de entidades ou de indivíduos em Portugal. A maioria das informações deste grupo são oriundas da Agência Lusa, que é a maior agência de notícias de língua portuguesa no mundo. Também há informações oficiais, dos ministérios e das figuras notáveis, bem como das empresas e instituições. Pela minha observação, as notícias com fontes internas apresentam-se mais neutras e positivas, mercê do interesse recíproco.

2. **Fonte Externa.** São as informações obtidas de entidades ou de indivíduos estrangeiros, principalmente de Reuters, Bloomberg, Washington Post, The New York Times, Agence France-Presse. Também se encontram as fontes da China, nomeadamente da Agência Xinhua, Global Times, South China Morning Post.

3. **Próprio Jornal.** São as informações obtidas por jornalistas da redação do jornal.

4. **Próprio Jornal com outra fonte.** São as informações obtidas por jornalistas da redação do jornal, combinadas com outras fontes que podem ser internas ou externas.

5. **Fonte não Identificada.** Quando não se sabe ou não se refere a origem da informação.

Seguem-se os resultados em tabela e em gráfico:

Público	Interna	Externa	Próprio Jornal	Próprio Jornal com Outra Fonte	Não identificado	Total
Política	22	73	16	10	1	122
Economia	30	50	10	7	0	97
Diplomacia	20	21	14	3	0	58
Ciência e Tecnologia	13	38	16	3	0	70
Sociedade	9	31	4	5	0	49
Cultura, Educação e Lazer	13	10	28	3	0	54
Outros	4	1	0	1	0	6
Total	11	224	88	32	1	456

Tabela 5: Fontes de Informação do jornal *Público*

JN	Interna	Externa	Próprio Jornal	Próprio Jornal com Outra Fonte	Não identificado	Total
Política	11	74	2	0	35	122
Economia	7	30	1	0	1	39
Diplomacia	4	28	6	1	6	45
Ciência e Tecnologia	9	31	4	0	4	48
Sociedade	6	71	5	0	15	97
Cultura, Educação e Lazer	2	8	5	0	6	21
Outros	0	13	1	1	1	16
Total	39	255	24	2	68	388

Tabela 6: Fontes de Informação do JN

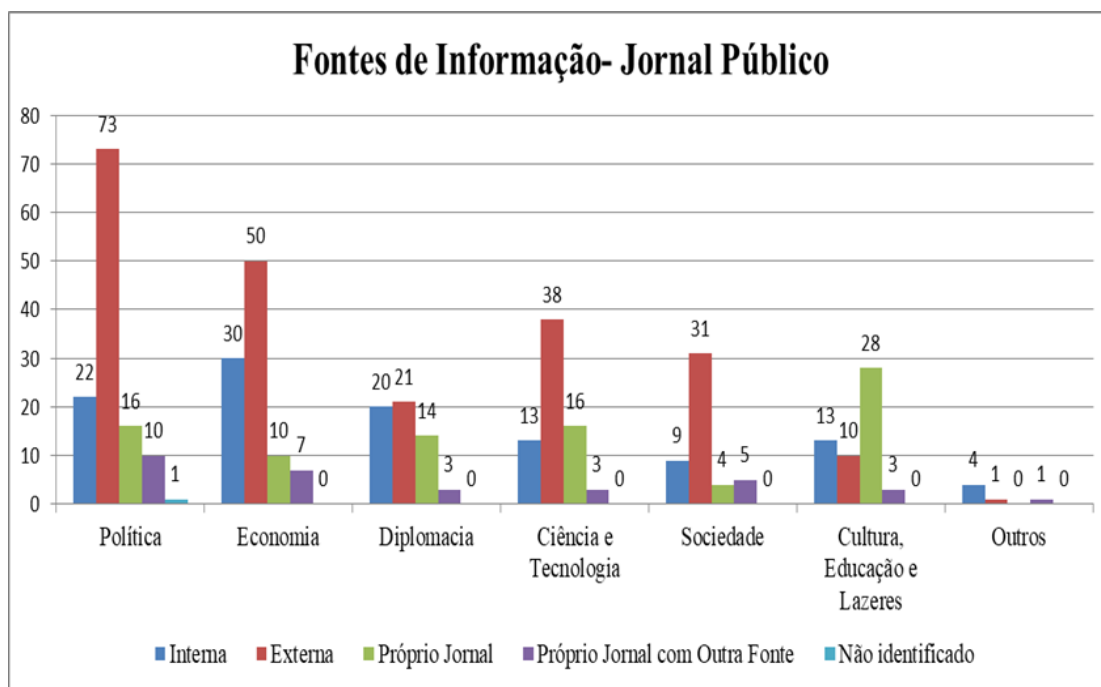


Gráfico 3: Fontes de Informação do jornal *Público*

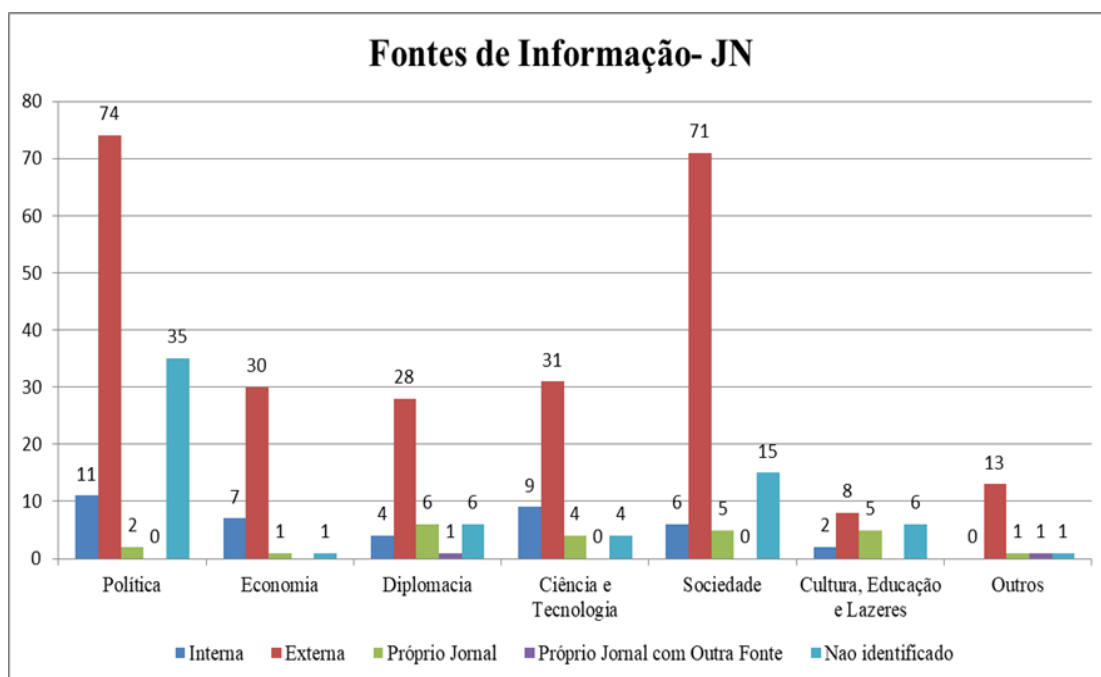


Gráfico 4: Fontes de Informação do JN

De acordo com os resultados expostos nas tabelas, é possível concluir que é a Fonte Externa que fornece a maioria das informações para ambos os jornais, nomeadamente o JN. No entanto, na temática de “Cultura, Educação e Lazer” e de “Outros”, no *Público*, nota-se um incremento das Fontes Internas e das fontes do próprio Jornal.

Nos finais da década de quarenta, Harold Lasswell formulou uma cadeia de comunicação com base em: *Quem, diz o quê, através de que canal, a quem, e com que efeitos* (Rebelo, 2000, p. 55). Uma aplicação desta matriz foi feita por Shannon & Weaver, que assim distribuiu os elementos pelo modelo de comunicação¹⁴:

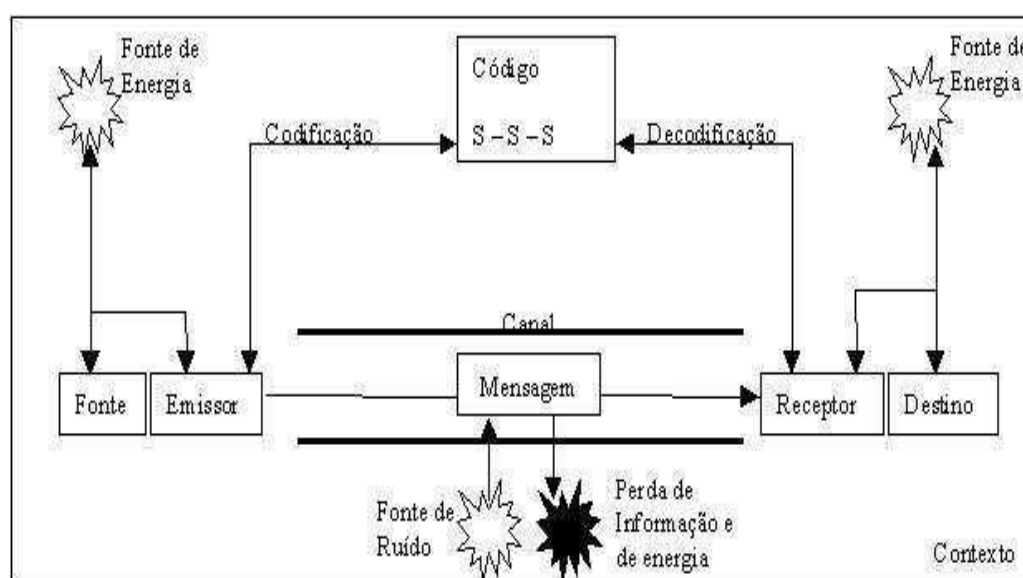


Figura 5: O Modelo Clássico de Comunicação (MCC) (Shannon & Weaver, 1963, in Garcia Marco, 1996, p. 124)

Esta figura ilustra bem os “ruídos” no processo de transmissão. É inegável que os jornais muitas vezes produzem notícias, com base em fontes externas, por limitações económicas, geográficos e de tempo. No entanto, há “ruídos” associados à transmissão, à codificação e à decodificação da mensagem, desperdício ou perdas de sinal, inerentes

¹⁴ Transferência da Informação: análise para valoração de unidades de conhecimento – Figura científica no ResearchGate. Consultada em 7 de junho. Disponível em: https://www.researchgate.net/figure/Figura-2-O-Modelo-Classico-de-Comunicacao-MCC-Fonte-Shannon-Weaver-1963-in_fig2_316859684

a falhas ou insuficiências do transmissor ou do recetor, bem como diversas outras perturbações que podem afetar o funcionamento do sistema (Rebelo, 2000, p. 56).

Para o JN, existe um outro fenómeno que deveria ser considerado seriamente: a ausência do autor e da referência das fontes de informação. De facto, encontrámos muita dificuldade na recolha das fontes do JN, dado que o jornal muitas vezes não indica o autor nas notícias partilhadas, nem a fonte de informação num sítio visível. Isto não quer dizer que as notícias do JN não têm credibilidade, mas demonstra uma negligência do jornal neste aspeto. Em vez de registar as fontes no início da notícia ou no início dos parágrafos, coloca-as, por vezes, no meio do texto, sem as palavras típicas de citação.

3.3. Análise Qualitativa

Neste ponto, vamos fazer uma análise qualitativa das notícias divididas pelas sete temáticas, destacando as análises dos temas dominantes, das implicações textuais e do discurso jornalístico. A análise de cada temática começa-se por um relato dos temas mais falados e menos falados pelos jornais. Depois procederemos a uma apresentação breve da estatística das atitudes. Logo após, apresentaremos as palavras e as frases mais representativas a fim de justificar a classificação das atitudes correspondentes. Na análise das atitudes, vamos catalogá-las de acordo com as três atitudes básicas mais comuns: Positiva, Neutra e Negativa, sustentadas pela aparição de palavras e frases que evidenciam cada uma das atitudes. Em relação aos textos sem manifestação clara de atitude nas palavras, mesmo que o assunto seja negativo relativamente à imagem da China, vamos considerar a atitude Neutra.

Após a análise por temas, tentaremos decodificar as estratégias discursivas utilizadas nas notícias.

3.3.1. Temáticas e Atitudes

3.3.1.1. Política

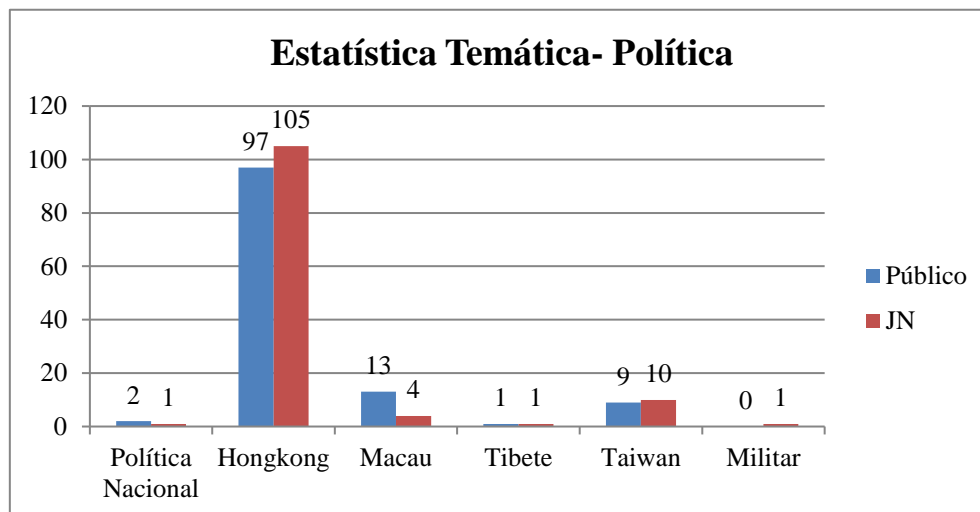


Gráfico 5: Estatística da temática Política

A Política é sempre uma temática com grande destaque nas notícias internacionais. O ano de 2019, marcado por assuntos políticos significativos relacionados com a China, não fugiu a esta regra. De acordo com o gráfico 2 (p. 28), ambos os jornais dedicaram bastante espaço e tempo à política chinesa, que tem grande preponderância entre as sete temáticas por nós selecionadas. Segundo o Gráfico 5, os dois jornais prestaram alguma atenção a Hong Kong e dedicaram algum espaço também a Macau e a Taiwan. No que diz respeito a Macau, quase todas as reportagens têm um registo objetivo — falam das mudanças operadas durante os últimos 20 anos, depois que Macau retornou à China, e apresentam várias opiniões individuais, institucionais e oficiais de Portugal e da China. Em algumas notícias há igualmente um tom saudosista por Portugal “perder aquela terra na Ásia”. Relativamente a Taiwan, na maior parte das notícias, há uma tonalidade comum: Taiwan está “cada vez mais alarmada com a sombra do continente”, está “vulnerável” exposto à “manobra intimidatória” e “é provável a China invadir Taiwan”.

Em relação à política doméstica da China, na subcategoria Política Nacional, além dos temas políticos dominantes, ambos jornais têm um tema em comum que domina os seus interesses — a celebração do aniversário dos 70 anos da República Popular da China. Destacam, porém, que a data foi assinalada em situação delicada, com os conflitos em Hong Kong. Assinale-se que o *Público*, em uma das notícias, relembra ainda “outros caos, para além de Hong Kong”, lançando uma dúvida logo no título: “*Um Gigante com Pés do Barro?*” (*Público*, 06.10.2019). É parte para a análise da questão, sob diferentes ângulos, mas sempre em tom de suspeita. Outro artigo do *Público*, nesta área, dá conta do falecimento do fotógrafo que testemunhou o movimento em Tiananmen. Evidentemente, o falecimento do fotógrafo foi apenas um pretexto para relembrar um episódio passado há décadas (*Público*, 13.09.2019).

Relativamente ao Tibete, a única notícia no jornal *Público* é um artigo muito breve, que fala, sobretudo, do estado de saúde de Dalai Lama (*Público*, 10.04.2019). Apenas se encontra uma frase no fim sobre o seu sucessor, dizendo que “a criança foi retirada aos pais pelo Governo chinês” e “o sucessor permanece uma incerteza”. A única notícia no JN é uma notícia na edição em papel, sem autor nem fonte de informação, com um título duvidoso *Tibete fechado devido a “doença de altitude”* (JN, 08.03.2019). Por curiosidade e para confirmar a credibilidade da notícia, fomos consultar o site de turismo do Tibete. Aí pode ler-se que é necessário pedir gratuitamente uma Permissão de Viagem, que pode ser tratada pela agência turística local, o que infirma que o Tibete esteja fechado. Durante muitos anos, os estrangeiros estavam proibidos de visitar o Tibete em março, mas em 2019 esta limitação foi cancelada.¹⁵

No JN, existe uma subcategoria especial (Militar), com duas notícias em dois dias consecutivos (5 e 6 de janeiro), em que o jornal interpreta, assim, o discurso do Presidente Xi: as armadas forçadas devem estar prontas para a guerra e o combate. Atendendo à semelhança do conteúdo, recolhemos apenas o artigo mais extenso.

¹⁵ Turismo do Tibete . Consultada em 7 de junho. Disponível em <http://www.tibetbest.cn/article/82203.htm>

No entanto, “Hong Kong” é o tema indiscutivelmente mais referido, em 2019, em ambos os jornais, por causa dos protestos ali havidos. Por ser um assunto complexo e pela incerteza da credibilidade das informações, neste trabalho vamos apenas analisar as notícias que apresentam os factos de forma mais objetiva. As palavras utilizadas nas notícias de junho a agosto sobre os conflitos em Hong Kong foram mais fortes e sensacionalistas, concentrando-se nas referências ao caos, à violência da polícia, nas suspeitas sobre o regime “Um País, Dois Sistemas”, bem como nas opiniões dos militantes pró-democracia. São exemplos disso, expressões como “máfia chinesa” (JN, 05.07.2019), “tentativa de controlar a narrativa mundial” (*Público*, 22.08.2019), “Não se torne mais uma cidade chinesa” (*Público*, 24.8.2019 / 12.06.2019), “Isto é uma questão de vida ou de morte” (*Público*, 09.06.2019), entre outras. No entanto, com o passar do tempo, no fim do ano, já encontramos mais notícias com explicações do contexto e da história e com vozes das diferentes posições.

Em relação às atitudes, é estranho e lamentável não haver nenhuma notícia positiva sobre a Política chinesa. No jornal *Público*, entre os 122 artigos relativos à temática Política, há 79 neutros e 43 negativos, o que corresponde, respetivamente, a percentagens de 64,75% em neutras e 35,25% em negativas. Quanto ao JN, há 114 notícias neutras e 8 negativas, o que equivale a percentagens de 93,44% e 6,66%, respetivamente.

Pela nossa análise, os dois jornais conseguiram manter uma posição neutra na maioria das reportagens sobre política chinesa. No entanto, também existem algumas extrações em que os jornalistas acrescentaram emoções próprias ou enfatizaram as palavras conflituosas, como se pode ver nos seguintes excertos:

1. “País incontornável, incomodando cada vez mais os seus pequenos e médios vizinhos e desafiando a presença militar americana”; “A violência sobre as minorias é brutal”; “Repressão pura e dura”; “Desprezo pela vida humana em nome da construção do socialismo, esmagamento dos protestos, custo político interno insuportável.” (*Público*, 06.10.2019)
2. “Morreu o Carniceiro de Pequim.” (JN, 24.07.2019)

A maioria das notícias negativas está relacionada com o tema dominante “Hong Kong”. Existe apenas uma reportagem negativa sobre Macau e duas sobre Taiwan.

Como vimos, o jornal *Público* tem, nesta temática de política chinesa, uma maior percentagem de notícias negativas do que o JN. Com isto não se pode concluir que o JN é mais justo e objetivo do que o *Público*. É que, nas 122 notícias publicadas pelo JN, apenas 16 têm informação sobre o autor: uma com a assinatura “JN”, catorze da responsabilidade de quatro jornalistas deste periódico do Porto e uma assinada por uma jornalista do JN em conjunto com a Agência Lusa. E, além disso, 31 notícias não indicam a fonte de informação.

No nosso processo de pesquisa, descobrimos que um mesmo texto jornalístico com o mesmo título pode aparecer em vários jornais online. Porém, se em alguns temos a indicação da fonte, noutros, como acontece em muitas notícias do JN, não a temos. Os textos que se repetem têm origem normalmente na Agência Lusa. Neste aspeto, o *Público* procede da melhor forma, uma vez que todas as notícias indicam o autor ou a fonte de informação.

3.3.1.2. Economia

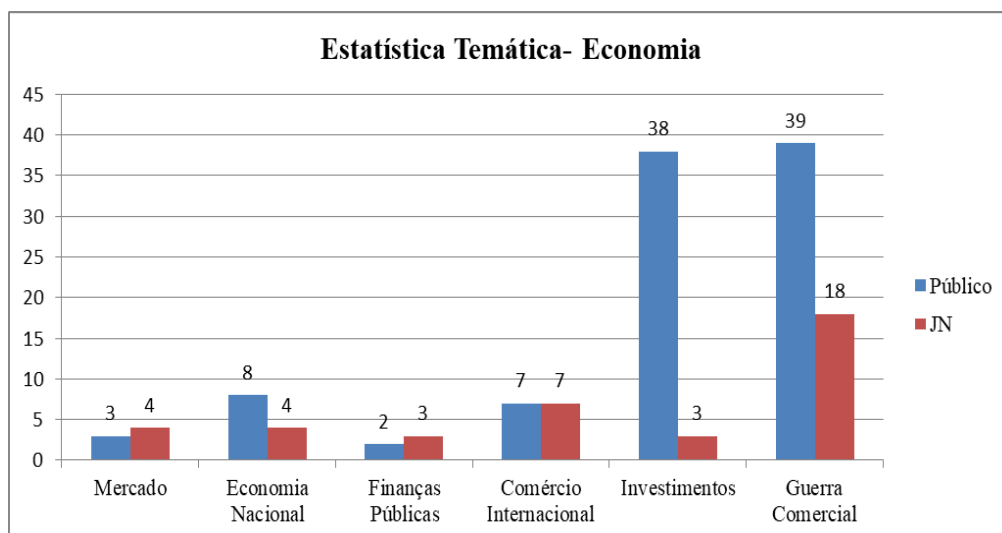


Gráfico 4: Estatística Temática- Economia

A Economia é sempre um tema que está no topo dos mais abordados no jornalismo e no nosso quotidiano. Pela observação do Gráfico 2, conseguimos perceber que a Economia é a segunda temática mais reportada no jornal *Público*, com 97 artigos, o que corresponde a 21,27% de todas as notícias sobre a China. No JN, esta temática ocupa o quinto lugar com 39 artigos, ou seja, 10,05% da totalidade de artigos. No entanto, à parte a segundo tópico mais abordado (“Sociedade”, com 98 artigos), a quantidade das notícias sobre a Economia não se afasta muito da terceira (Ciência e Tecnologia, com 47) e da quarta (Diplomacia, com 45) categorias.

Existem duas características em comum nos dois jornais. Por um lado, é que nas subcategorias, ambos prestam uma maior atenção à subcategoria Comércio. Por outro, os tópicos do Comércio nos dois jornais podem ser divididos em Comércio Internacional, Investimentos e Guerra Comercial. Como é evidente, este último tópico, por causa da tensão entre a China e os EUA, foi o mais abordado nos dois jornais. Visto que Portugal estava no papel de “espectador”, que beneficia de ambos os lados, verifica-se que ambos os jornais seguiram todas as novidades em cima do acontecimento e num tom objetivo, citando variadas fontes:

- a) fontes oficiais: da China, dos EUA e das organizações mundiais e regionais;
- b) fontes especializadas, com notícias de especialistas de diferentes nacionalidades;
- c) fontes referenciais, com reportagens e análises feitas pelas agências mais influentes.

A China refletida neste assunto, foi uma “China expansionista” que “garante que vai retaliar” “sob pressão”, mas também que seria o lado que “sofreria mais danos”.

Uma diferença entre os dois jornais nesta temática é que, com 97 notícias reportadas, o *Público* mostrou grande interesse pelo tópico “Investimentos”. Nota-se que abarcou quase todos os assuntos económicos importantes entre Portugal e a China.

Foram abordados os tópicos inspiradores: “Investimento chinês entrou na fase de Qualidade”, “Colaboração Económica pela Visita do Marcelo à China”, “Bom resultado do Fosun em Portugal”, “Megaprojeto suspenso em Lisboa avançou pelos chineses”, “Cooperação entre o CRRC Tangshan e o Metro Porto” etc.; Também se encontram algumas perturbações, tais como “a polémica da OPA”, “HNA retirou capital da TAP”, “CP recusou o investimento chinês”, “Corrida ao Porto de Sines entre a China e os EUA”, entre outros. Com apenas 3 artigos, o JN não prestou igual importância a este tópico.

Relativamente ao Comércio Internacional, os assuntos mais referidos pelos dois jornais são “Aumento da Exportação Portuguesa para a China”, “Exportação de Porco para a China”, pelo facto de acarretarem benefícios para Portugal. Porém, também abordaram o “Abrandamento da exportação chinesa” e uma notícia sobre “Consumidores nacionais são desprotegidos nas compras eletrónicas, especialmente em Alibaba” (JN, 06.08.2019).

No que tange aos tópicos menos falados, na Economia Doméstica, ambos manifestaram a “preocupação” em relação à economia chinesa, uma vez que as palavras e expressões mais observadas neste tema são “Sinais da fragilidade”, “Queda”, “Risco”, “O crescimento mais baixo desde o século XX”. Em relação ao Mercado, ambos falaram sobre “A falha da proposta surpresa feita pela Bolsa de Hong Kong à Bolsa de Londres”, tratando-a como um negócio “politicamente sensível”. Na área das Finanças Públicas, reportada por ambos, o “Panda Bonds” foi evidentemente o assunto mais significativo neste ano. Isto é, Portugal tornou-se o primeiro país da zona euro a emitir títulos de dívida em RMB, o que constituiu um grande avanço na cooperação económica entre os dois países. No entanto, é compreensível surgirem também dúvidas e preocupações, que foram analisadas de maneira objetiva pelos dois.

Em relação às atitudes, conseguimos observar que ambos os jornais foram maioritariamente neutros, ainda que existam algumas notícias positivas. No jornal

Público, entre os 97 artigos nesta temática, há 89 neutros, 6 positivos e 2 negativos. Enquanto no JN, há 37 neutros, um positivo e um negativo.

Também se encontram algumas vozes duvidosas, críticas e até agressivas, como por exemplo, acontece quando se cita um relatório de eurodeputados, “suscetível de pôr em causa os interesses estratégicos, os objetivos de segurança pública, a competitividade e o emprego na Europa” (*Público*, 14.02.2019), ou a crónica do Octávio dos Santos, que lembrou a todos “Ninguém se deixe enganar pelas aparências que a China apresenta presentemente”:

“PCC constituem a ideal “carne para canhão” de um alegado “milagre económico” conseguido à custa de baixos salários e da inexistência de sindicatos e de tribunais verdadeiramente independentes. Acrescentem-se constantes práticas de dumping e de manipulação monetária, espionagem industrial e violação de propriedade intelectual, e teremos os “ingredientes” da “receita do sucesso” (“Negócios” da China, *Público*, 01.10.2019).

No entanto, também não podemos ignorar as palavras inspiradores que promovem a colaboração e a confiança recíprocas entre a China, Portugal e a União Europeia, tais como, “Portugal não discrimina investidores por nacionalidade” (*Público*, 06.02.2019), “posição dominante da China pode beneficiar Portugal” (*Público*, 02.07.2019), “também foram muito claros ao dizer que era necessário articular a nossa própria iniciativa europeia de promoção da competitividade entre a Europa e a Ásia, por um lado, e do outro lado a iniciativa ‘Faixa e Rota’ e a ‘Nova Rota da Seda’, liderada pela China” (*Público*, 30.04.2019).

3.3.1.3. Diplomacia

Nesta temática, encontram-se 58 artigos no *Público* e 45 artigos no JN, que correspondem, respetivamente, a 12,72% e 11,60% do total das notícias sobre a China em cada um dos jornais.

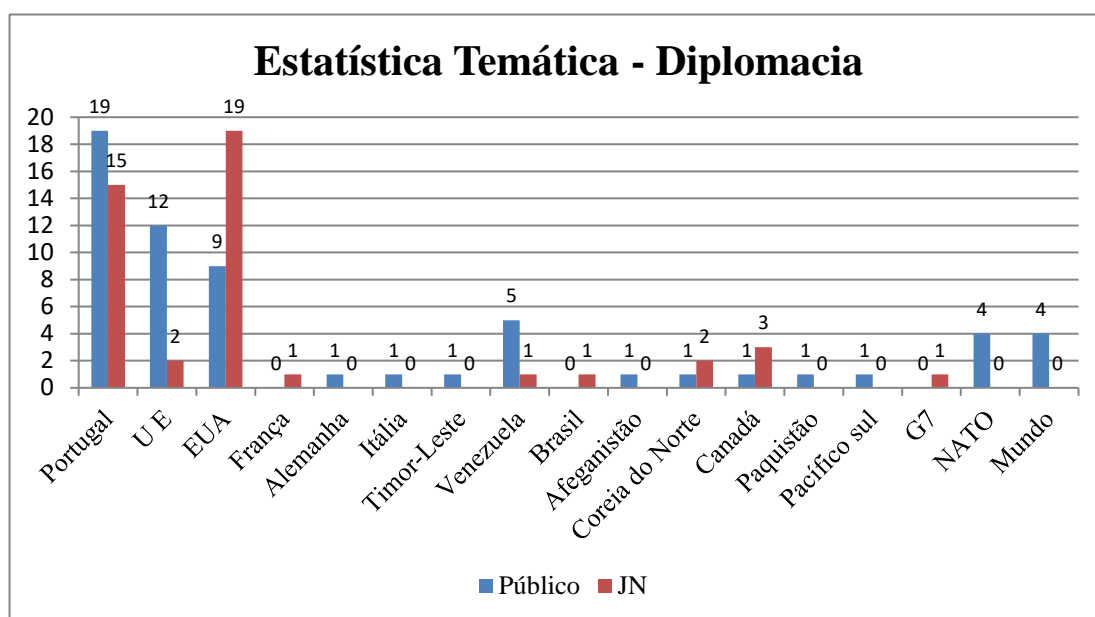


Gráfico 5: Estatística Temática – Diplomacia

No Gráfico 5, mostram-se os temas abordados pelos dois jornais e as suas quantidades. Entendemos que os dois jornais deram ênfases variáveis a esta temática. Nota-se que o *Público* abrangeu mais países, regiões e organizações que o JN. Nas suas análises da geoestratégica da China no Afeganistão e Paquistão, apresentou os benefícios bilaterais no âmbito da iniciativa “Uma Faixa, uma Rota” e as críticas “céticas” do Ocidente. Com os países europeus – Itália e Alemanha –, referiu a importância ao desenvolvimento das relações com a China, todavia, ainda que sublinhasse o “temor” da UE relativamente a opiniões diferentes sobre a sua expansão.

O *Público* esteve particularmente atento à relação entre a China e a UE, dedicando 12 artigos ao assunto. Demonstrativo desse interesse é o título de uma crónica publicada na coluna de Opinião, em 30 de março: “UE e China: uma nova relação híbrida” (*Público*, 30.03.2019). Neste artigo, a China é apresentada como parceira em certas áreas e como concorrente noutras. Assim, neste texto, vemos uma UE, por um lado, cautelosa e desconfiada pelas “ameaças” a Oriente e pelo facto de os aliados estarem desalinhados, e, por outro lado, ansiosa por uma aproximação por razões económicas.

Neste leque de notícias que o *Público* dedicou à Diplomacia, ainda podemos ler uma notícia positiva de uma China amigável que ajudou Timor-Leste a reforçar o seu exército (*Público*, 17.08.2019), e uma notícia sensível sobre “O navio francês [que] entrou no estreito de Taiwan sem autorização” (JN, 25.04.2019).

De acordo com a análise das estatísticas, conseguimos concluir que em ambos os jornais, os tópicos dominantes são as relações entre Portugal e a China e os conflitos entre a ascensão chinesa e a hegemonia dos EUA. A maioria dos assuntos diplomáticos entre Portugal e a China decorrem da visita de estado do presidente português à China: uma série das reportagens de Marcelo na China, análises da relação luso-chinesa e artigos sobre os resultados da visita. Relativamente às relações como os EUA, o artigo de Carlos Gaspar, investigador do IPRI, conclui que a China se sente “cercada” pela superpotência e seus aliados (*Público*, 12.08.2019). No mesmo sentido, os dois jornais falam “da detenção da executiva da Huawei”, da “Venda de armas a Taiwan pelos EUA”, da “declaração cheia de preconceitos do secretário norte-americano em Lisboa”, etc.

O JN fala ainda sobre a China e o G7, com uma notícia em que diz que a China “está descontente” com a declaração do G7 sobre Hong Kong (JN, 27.08.2019). O *Público* fala do posicionamento da China no mundo e relativamente à NATO e ao Pacífico Sul, revelando a inquietação e a preocupação das potências quanto à ascensão da China, mas ao mesmo tempo revelando a esperança de uma maior colaboração:

1. “EUA pressionam NATO a enfrentar “novas ameaças”, incluindo a China”; “Devemos encontrar formas de incentivar a China a participar nos acordos sobre o controlo de armamentos”; “Equaciona desafios (leia-se nas entrelinhas, ameaças) e oportunidades (leia-se, possibilidade de alguns compromissos)” (*Público*, 07.12.2019).

2. “Há o medo da China, que, de acordo com a mesma Estratégia de Segurança Nacional, pretende reescrever as regras da ordem internacional e criar novas, ao mesmo tempo que vai implementando o seu projeto de hegemonia regional e de expansão da sua influência ao nível mundial” (*Público*, 02.12.2019).

Em relação às atitudes, no jornal *Público*, entre 58 artigos relativos a esta temática, há 48 neutros e 10 positivos. Não se encontra nenhum com traços negativos. Quanto ao JN, entre 45 artigos relativos a esta temática, há 40 neutros, dois positivos e três negativos. Os negativos resultam, por um lado, da crítica aos atropelos dos direitos humanos feitos pelo PAN e pelo Bloco de Esquerda, que se recusaram a integrar a comitiva do Presidente Marcelo Rebelo de Sousa, aquando da sua visita à China. Por outro lado, vêm de um pequeno comentário sem autor nem fonte de informação sobre a crise diplomática entre a China e o Canadá pela detenção da executiva da Huawei e pelo facto de a China “deter 13 cidadãos canadianos” (JN, 03.03.2019). Os positivos centraram-se principalmente na série de artigos sobre a visita do estado de Marcelo Rebelo de Sousa à China. Todas elas constituem reflexões inspiradoras que revelam a confirmação das boas relações diplomáticas entre Portugal e a China.

3.3.1.4. Ciência e Tecnologia

Em ambos jornais, a “Ciência e Tecnologia” é a terceira temática mais reportada. Existem 70 notícias sobre este assunto no jornal *Público* e 48 no JN.

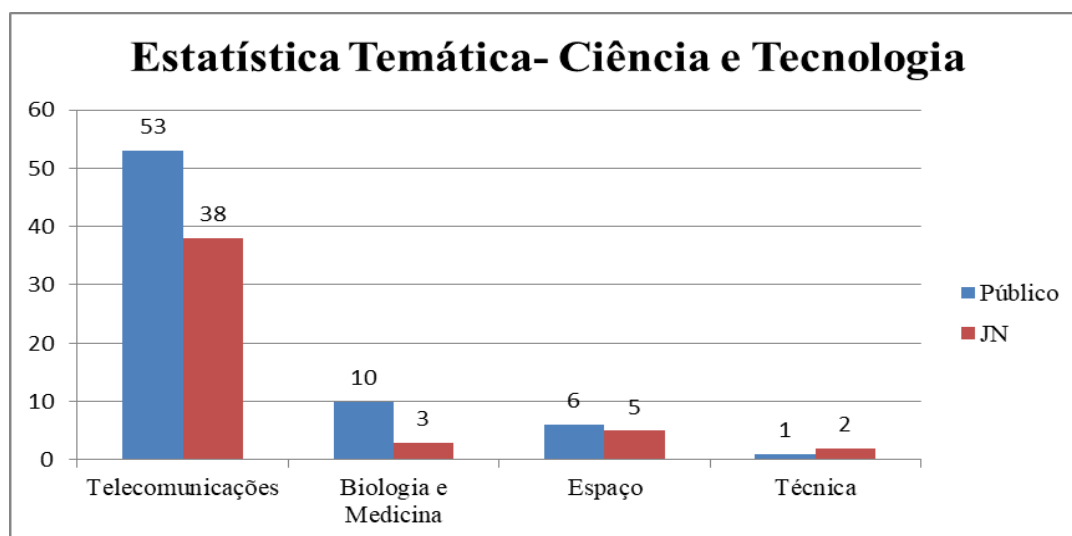


Gráfico 6: Estatística Temática – Ciência e Tecnologia

De acordo com o Gráfico 6, podemos concluir que o tópico dominante em ambos os jornais foram as “Telecomunicações”. Um termo que apareceu com grande frequência neste tópico foi “Huawei”. Partindo deste tema, os assuntos estenderam-se, chegando às polémicas tecnológicas tais como “5G”, “Guerra tecnológica”, “Cibersegurança”, “Roubo de Patente de empresário português”. Convém referir que os dois jornais mantiveram um tom objetivo na maioria das reportagens. Em Portugal, surgiram duas correntes de opinião: por um lado, deve deixar-se funcionar o comércio livre, em vez de se tomar uma posição política; por outro, o “quadro político” das empresas fornecedoras deve ser critério de escolha, como deixa claro o título de uma notícia do *Público* – “O Ocidente está cada vez mais desconfiado da chinesa Huawei” (*Público*, 21.01.2019). A Europa está cautelosa, por causa dos seus próprios interesses, mas também pelos esforços dos EUA para a impedir que se aceite a influência chinesa.

Relativamente a “Biologia e Medicina”, os dois jornais, além de apresentarem os novos descobrimentos na área de Biologia, centraram-se na notícia que fez manchete: “Cientista chinês modificou o ADN de bebés gémeas”, com reportagens em tom objetivo e analítico. O JN ainda referiu que a China aprovou um novo medicamento para o tratamento da doença de Alzheimer (JN, 11.04.2019).

No âmbito de “Espaço”, todas as notícias no *Público* estão associadas a “Chang’e 4 aterrou no lado oculto da Lua”. O JN foi mais abrangente nesta temática, falando sobre “O foguetão da série Longa Marcha – 5” (JN, 27.11.2019), “o projeto C-Space Simulação de Marte” (JN, 03.05.2019), e “Secretismo de estação espacial chinesa perturba EUA e habitantes da Patagónia” (JN, 01.02.2019).

Em relação às atitudes, entre 70 notícias no *Público*, 58 são consideradas neutras, sete positivas e cinco negativas. Relativamente às relacionadas com o tema dominante “Telecomunicações”, há 45 neutras, cinco negativas e três positivas. No JN, em termos gerais, 40 notícias são neutras, cinco negativas (todas sobre Telecomunicações) e três positivas. No que diz respeito a “Telecomunicações”, temos 32 notícias neutras, cinco negativas e uma positivas. Podemos, assim, concluir que, nesta temática, os dois jornais

apresentam uma atitude objetiva na maioria das reportagens. No entanto, no total, 10 notícias positivas e 10 negativas indiciam uma divergência entre as opiniões dos jornalistas, especialistas, políticos e governadores. Face à ascensão tecnológica da China, à pressão dos EUA e à discussão dentro da UE, Portugal não está perdido. Percebe a importância da abertura e da colaboração na ciência e tecnologia, mas com limites, bom senso e o seu *standard* de avaliação.

3.3.1.5. Sociedade

Diferente das outras temáticas em que o *Público* teve sempre mais notícias sobre a China do que o JN, na temática Sociedade acontece o contrário: a quantidade das notícias relacionadas com este tema no JN (97 artigos) é quase o dobro das do jornal *Público* (49 artigos). De acordo com o Gráfico 7, verifica-se que o JN esteve bastante atento a esta temática, não só pelo número de artigos, mas também amplo leque de tópicos abrangidos: falou sobre direitos dos animais, de protestos, de Justiça e do espaço Urbano, tópicos não abordados pelo *Público*.

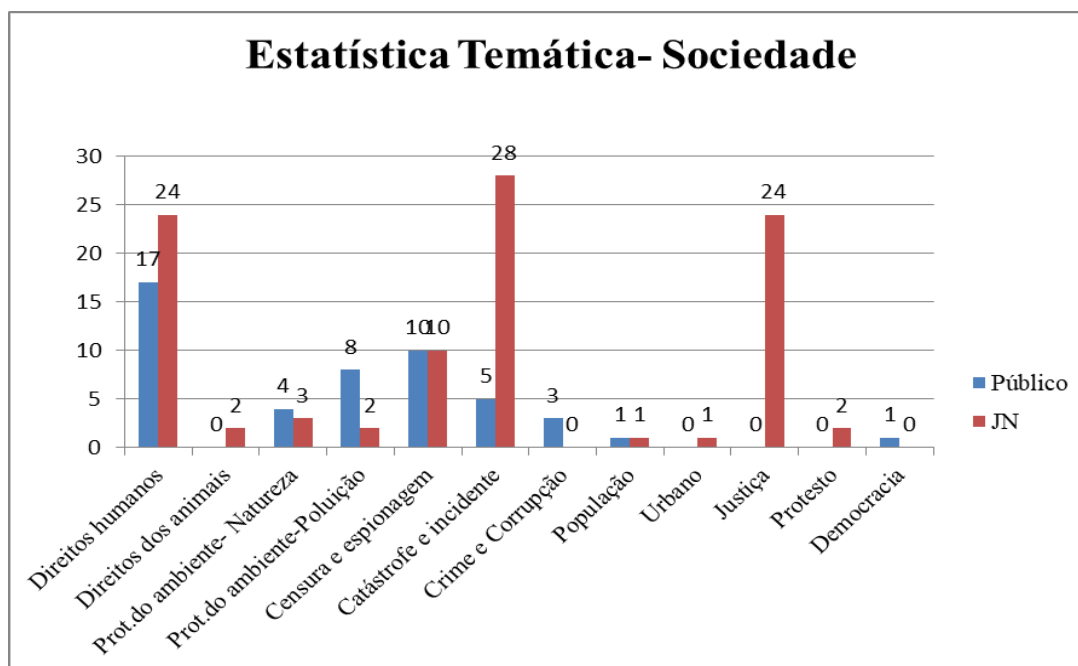


Gráfico 7: Estatística Temática – Sociedade

É possível verificar que o tema dominante nos dois jornais é o de “Direitos Humanos”. “Uigur”, “Mulçumanos”, “Campus de Concentração”, “Detenção de XX” são os termos mais frequentes neste tópico, reclamados pela organização *Human Rights Watch* (HRW) e pelas agências mais influentes como Reuters, Bloomberg, The New York Times, entre outras. Rigorosamente falando, em alguns assuntos, não podemos e não devemos chegar a uma conclusão pela simples leitura destas notícias. Isto é, por causa da complexidade dos assuntos, da credibilidade das informações inescrutáveis e das divergências de opiniões de diferentes lados. Na verdade, ficamos confusos ao lermos algumas palavras que vão contra o conhecimento e a experiência real da autora de um dos artigos, uma chinesa que nasceu e cresceu na China. Também numa notícia sem autor nem fonte de informação, o JN fala sobre um jovem chinês que vendeu um rim para comprar um *iphone* em 2011 e agora está preso a uma cama. No fim desta notícia, podemos ler as seguintes frases:

“O tráfico de órgãos é um problema sério na China. A maioria das cirurgias são feitas com órgãos retirados de condenados à morte ou prisioneiros depois de falecidos – frequentemente sem o acordo das famílias, de acordo com as organizações dos direitos do homem, facto que é negado pelas autoridades.”

“A tradição chinesa manda que um morto seja enterrado sem mutilação do corpo. São muito raros os chineses que aceitam a retirada de órgãos quando um familiar morre.” (JN, 14.01.2019)

Esta história que chocou o mundo, já é antiga, mas o comentário no fim fez-nos franzir o sobrolho: Quais são “as organizações dos direitos do Homem”? Onde é que fizeram esse comentário e em que ano? Tem a certeza que a “Tradição” ainda se aplica hoje em dia?

Os dois jornais também se detiveram na “Censura e Espionagem”. Neste tema, frisaram a “Liberdade de Expressão”, um dos assuntos mais favoritos dos *media* ocidentais, utilizado sempre nas críticas à China.

Outrossim, falam igualmente do envelhecimento da população chinesa, da violação dos direitos dos animais, dos protestos em Cantão contra um projeto urbano,

de um “suspeito de fraude que fugiu para Portugal” e da corrupção de um banqueiro chinês.

O tópico “Proteção do ambiente” reparte-se pela “Natureza” e pela “Poluição”. Este é também um tópico clássico nas críticas à China e é realmente um facto. Contudo, encontram-se não só notícias críticas, como sempre, mas também a notícias a confirma a melhoria da situação.

É de salientar que o JN ainda prestou bastante atenção às questões da “Justiça” e das “Catástrofes e incidentes” na China. Nas 24 notícias sobre a “Justiça”, apresentaram crimes cometidos internamente e no estrangeiro. Nas 28 notícias sobre “Catástrofes e incidentes”, foram abordados os maiores “desastres” na China, no ano de 2019: “Sismo no centro da China”, “Tufão Lekima”, “Incêndio florestal”, “Ataques numa escola primária e num infantário”, “Jovens morreram por imitarem Influencer”, “Viaduto colapsou”, “Ponte colapsou”, “Asfalto engole autocarro”, “Queda de viaduto”, “Deslizamento de terra”, “Tesla explodiu”, “Menino caiu ao buraco”, entre outros.

Em relação às atitudes, conseguimos concluir que ambos os jornais foram neutros na maioria das notícias. No jornal *Público*, há 32 artigos neutros, um positivo e 16 negativos. Já no JN, há 86 neutros, um positivo e dez negativos. No entanto, no tema mais abordado – “Direitos humanos” –, houve atitudes mais claras. Dos 17 artigos no *Público*, nove são classificados como negativos. No JN, existem, neste tópico, 19 neutros e cinco negativos. Deste modo, as taxas de artigos negativos, neste tópico dominante no tema “Sociedade”, são efetivamente altas: 52,94% no *Público* e 26,32% no JN.

Isto leva-nos a concluir que, por um lado, os direitos humanos na China mereceriam mais estudo, se os “factos” obtidos de maneira secreta por alguns países e organizações fossem totalmente verdadeiros. Por outro lado, neste tema em que a China é normalmente alvo de críticas, os jornais deveriam ser mais prudentes e vigilantes para não caírem nas armadilhas políticas.

3.3.1.6. Cultura, Educação e Lazer

A temática “Cultura, Educação e Lazer” é a menos abordada em ambos os jornais. Há 51 artigos relacionados com esta temática no *Público* e 20 artigos no JN, o que corresponde a 11,84% de notícias relacionadas com a China no *Público* e a apenas 5,41% no JN.

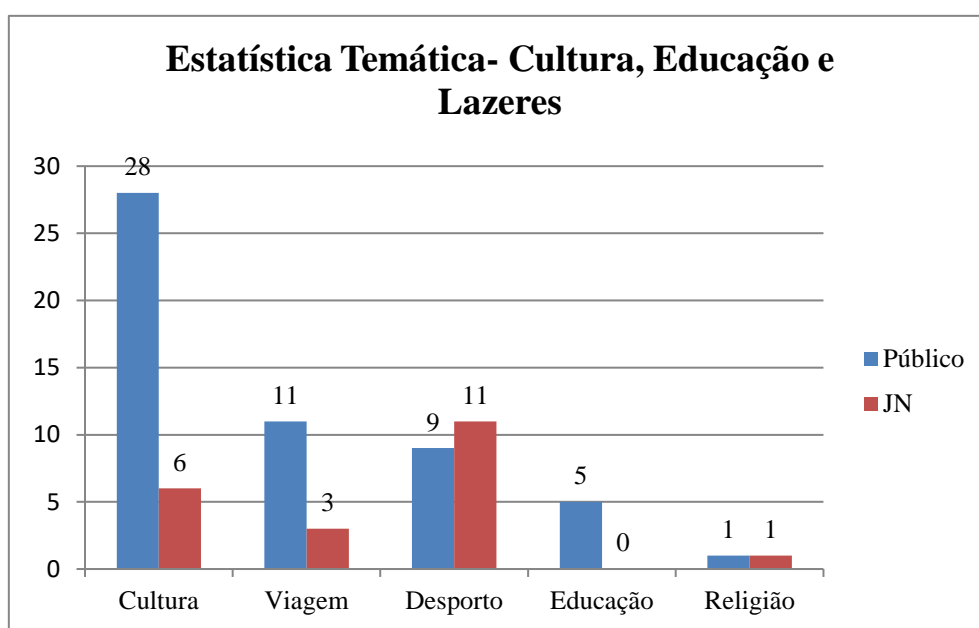


Gráfico 8: Estatística Temática – Cultura, Educação e Lazer

Pela observação do Gráfico 8, percebemos que é difícil encontrar um tema dominante em comum. Apesar de a “Cultura”, no *Público*, ocupar um grande número de notícias, no JN esse tópico não foi tão abordado. O desporto, embora não seja o tópico dominante, atraiu uma atenção semelhante em ambos os jornais. Desta forma, podemos dizer que, nesta temática, os dois jornais deram ênfases diferentes a diferentes tópicos, não existindo um tema dominante partilhado por ambos os periódicos.

Na Cultura, os temas tratados são a acupunctura, o Chi Kung, as estreias de filmes chineses, eventos culturais e os intercâmbios entre Portugal e a China, tais como a

comemoração do Ano Novo Chinês em Portugal, o Ballet Nacional da China em palcos portugueses, a exposição de Vhils em Xangai, o maestro convidado pela Orquestra de Macau, etc.

No tópico Viagens, foram apresentadas as experiências turísticas de alguns leitores na China e a apresentação do turismo em Macau, bem como a retoma dos voos diretos entre Portugal e a China.

No Desporto, os dois jornais seguiram, principalmente, os jogos dos jogadores e treinadores portugueses na China. Em poucas palavras, também falaram sobre outros desportos: por exemplo, da Chinesa Liu Hong que estabeleceu um novo recorde mundial nos 50 quilómetros marcha, da rivalidade entre Sun Yang e Mack Horton, na natação.

Nos domínios da Educação e da Religião, não foram referidos muitos assuntos. Falou-se do crescimento do ensino de português na China e de mandarim em Portugal, bem como dos bons resultados que os alunos chineses obtiveram na avaliação internacional PISA. Na religião, temos apenas um único artigo negativo com o título comparativo “a liberdade religiosa nos EUA, na China e em Portugal”. Depois de relatar as histórias de um religioso americano e um de cidadão chinês, associa-se a palavra “Perseguição” à China e elogia-se, no fim, a liberdade religiosa e a humanidade da justiça em Portugal:

“A China também é um país muito apreciador da pena de morte e particularmente pouco amigo da liberdade religiosa, e o cidadão chinês Yan, logo que chegou a Portugal, apresentou um pedido de protecção internacional alegando ter sido perseguido e agredido pelas autoridades policiais chinesas pelo facto de evangelizar (como cristão protestante), o que o levava a abandonar aquele país. O pedido foi recusado por se considerar não existir fundamento para o receio de perseguição, já que, nas suas declarações, em cerca de seis anos apenas só fizera referência a dois casos de perseguição concretos por motivos religiosos: em Maio de 2013 fora ameaçado pela polícia para não continuar a evangelizar e em Julho de 2014 a polícia fora a sua casa e agredira-o; além disso, não se compreendia a necessidade de Yan sair do seu vasto país, já que existiam zonas da China “onde existe de facto liberdade religiosa, como sejam as zonas administrativas especiais de Hong Kong e Macau, onde

convivem religiões como o budismo, o confucionismo, o taoismo, o catolicismo o protestantismo ou o islamismo... E o TAS (Tribunal Administrativo do Sul), reconhecendo a falta de liberdade religiosa na China e a perseguição de que era vítima Yan, determinou que lhe fosse concedido asilo.” (*Público*, 22.03.2019)

É de conhecimento geral (factos ignorados pelo jornalista) que a China tem estado a eliminar a pena de morte e que, neste amplo território, convivem efetivamente todas as religiões por ele referidas. Não só nas zonas administrativas especiais de Hong Kong e de Macau, mas em todo o país. Eu própria tenho familiares budistas e vizinhas católicas. Segundo estatísticas oficiais, na minha cidade (Xuzhou, Província de Jiangsu) há 350 mil cidadãos praticantes de cinco religiões diferentes.¹⁶ No final de 2018, havia 23 mil católicos em Xuzhou e a igreja católica mais antiga foi construída no século XIX.¹⁷ Espalham-se as capelas pelas vilas e na minha vila há uma igreja católica sempre aberta, onde se realizam atividades religiosas regularmente.

No que tange às atitudes, podemos concluir que, na temática “Cultura, Educação e Lazeres”, os dois jornais tiveram atitudes neutras na maioria das notícias e fizeram muitas reportagens positivas. No jornal *Público*, há 34 artigos neutros, 19 positivos e um negativo, num total de 54 artigos. No JN, entre os 21 artigos escritos, há 18 neutros e 3 positivos. As taxas de notícias positivas são de 35,19% no *Público* e 14,29% no JN. Em comparação com as outras temáticas, as reportagens nesta temática são relativamente positivas, dando prova de que os dois países têm uma relação cultural muito estreita.

3.3.1.7. Outros

¹⁶ Fonte: Consultada no dia 9 de maio, disponível em <http://www.xztz.org.cn/ShowPositions.aspx?SortID=2&ID=2>

¹⁷ Fonte: Consultada no dia 10 de maio, 2020. Disponível em <http://kuaibao.qq.com/s/20190222G05UDC00?refer=spider>

Recolhemos ainda 22 artigos que não pertencem às seis temáticas atrás referidas. Seis são do jornal *Público* e 16 do JN. Inserimo-los na categoria “Outros”. Relativamente à atitude, no *Público* há um artigo positivo e cinco neutros. No JN, há três negativos, três positivos e dez neutros. Segue-se a Tabela 8, com os títulos e as atitudes assumidas:

	Data	Título	Atitude
<i>Público</i>	23/6/2019	Vice-ministro da Agricultura da China eleito para dirigir a FAO	Positivo
	12/8/2019	Donatella pede desculpa à China por erros em t-shirts Versace	Neutra
	14/12/2019	Equipa da RTP retida e questionada na fronteira no regresso de Hong Kong	
	23/1/2019	Modelo chinesa pede desculpa por ter participado em campanha polémica da Dolce	
	11/3/2019	China suspende frota 737 Max e abre caminho a crise na Boeing	
	14/9/2019	Morreu ex-embaixador de Portugal em Pequim que participou na transferência de Macau	

Tabela 7: Outros – Conteúdos e Atitudes no *Público*

	Data	Título	Atitude
JN	26/6/2019	"Olho da Fénix", a torre de controlo do megalómano aeroporto de Pequim	Positivo
	25/9/2019	Daxing-Pequim: A fénix transformada no maior terminal de passageiros do Mundo	
	23/10/2019	Megaponte na China recebeu mais de 14 milhões de passageiros num ano	
	24/7/2019	Morreu o Carniceiro de Pequim	Negativo
	26/9/2019	Airbus alvo de ataques informáticos a partir da China	
	24/10/2019	39 mortos em camião são de nacionalidade chinesa	
	26/4/2019	GNR aprende mandarim para combater crime e ajudar na Chinatown	Neutra
	12/4/2019	O sem-abrigo famoso que fugiu à pressão das redes sociais	
	23/1/2019	Frase de Xi Jinping	
	26/2/2019	Fica estéril depois de abortar 17 vezes em apenas seis anos	
	27/2/2019	Frase de Yang Jiechi	
	18/3/2019	Pombo-correio leilado por mais de um milhão de euros	
	22/10/2019	Casa com cadáver da noiva durante funeral	
	24/10/2019	Embaixada chinesa envia funcionários para confirmar nacionalidade de 39 mortos	
	30/11/2019	China proíbe utilização de tecnologia para produzir informação falsa na Internet	
	5/11/2019	Piloto impedido de voar após deixar passageira tirar fotografia no cockpit	

Tabela 8: Outros- Conteúdos e Atitudes no JN

3.3.2. Análise Crítica do Discurso

A Análise Crítica do Discurso é um estudo interdisciplinar que associa Linguística, Sociologia, Psicologia, Comunicação Social, entre outras. Brown & Yule, (1983, p.189) consideram que a análise do discurso é um estudo da linguagem “acima da frase”.

A fonte de informação é a base a partir da qual se concebem as notícias. No entanto, a impressão e as opiniões que acabam por chegar aos leitores dependem da

aplicação que se faz das informações primárias. Citado por Lopes e Fabrício (2005, p.256), Chouliaraki e Fairclough observam que os meios de comunicação de massa contemporâneos têm-se tornando mais autoconscientes a respeito da linguagem que utilizam, empregando-a, cada vez mais, de forma calculada e estratégica – o que leva ao incremento de intervenções planeadas “para modelar elementos linguísticos e semióticos das práticas sociais, de acordo com objetivos econômicos, organizacionais e políticos”. Said (2003, pp.136-139) apontou que a retórica dos *media* faz um uso abusivo de generalizações, estereótipos e pressuposições, referendando relações de poder entre diferentes grupos.

Tendo isto em consideração, vamos proceder, nesta parte, a uma análise do discurso das notícias recolhidas, visando descodificar as modalidades de interpretação jornalística.

3.3.2.1. Citação Direta

As notícias devem ser sempre imparciais e objetivas. O uso da citação, nomeadamente a citação direta, é considerada uma estratégia frequentemente utilizada nos *media*, pois faz os leitores pensarem que estão a ver as informações testemunhais, que normalmente são inegáveis.

Em consequência disso, os jornais gostam efetivamente de adicionar as citações diretas nas reportagens. Por um lado, isto serve como prova de credibilidade. Por outro lado, através da ordenação das citações, pode-se manter a imparcialidade e, ao mesmo tempo, expressar a sua opinião e posição de uma maneira implícita e aparentemente “justa”. Tomemos como exemplo a notícia do *Público* no dia 9 de junho, “*Manifestação gigante pela “vida ou morte” de Hong Kong*”, em que a jornalista aponta, no início do texto, a ideia que ela quer transmitir:

Ao final da tarde deste domingo (9 de junho, 2019), em Hong Kong, parecia que o enorme protesto contra uma lei de extradição de suspeitos de crimes para a China continental poderia mesmo ser o maior de que há memória na cidade.

Como existiu uma divergência entre o número estimado pela organização e os números oficiais, com o objetivo de justificar a opinião de “era o número dos protestos mais participados da cidade nas últimas décadas”, para além da descrição de uma “multidão sem fim que enchia a avenida gigante”, a autora utilizou várias citações “testemunhais”:

“Acredito que tenham estado nas ruas mais de um milhão de pessoas”, dizia a repórter Vivienne Chow no Twitter;

“Voltou o maior medo das pessoas de Hong Kong”, comentava a jornalista Laurel Chor no Twitter. Chor relatava como se cruzou com uma mulher de 92 anos que viera sozinha ao protesto. “Recusa que lhe tirem fotografias, mas toda a gente à volta está a falar com ela e impressionada com ela”;

“A presença de pessoas de todas as classes e gerações é uma forte recusa das políticas da China continental e dos seus esforços por controlar uma população que já teve melhor governo do que o que ela pode oferecer”, comentava Rob Schmitz, correspondente da estação pública norte-americana NPR.”

Sobre o número dos protestantes em Hong Kong, já encontrámos, em notícias relacionadas com o acontecimento, “dezenas de milhares”, “milhões”, “um milhão” ou “dois milhões”. Neste artigo, com o apoio de citações diretas, a autora construiu a ideia de que este protesto foi “o maior nas últimas décadas”, visto que “tinham estado nas ruas mais de um milhão de pessoas” de “todas as classes e gerações”. Com a referência à “mulher de 92 anos que viera sozinha”, tendo impressionado a toda a gente, adicionou ao texto uma cor comovente, solene e supostamente credível.

Após justificar a dimensão do protesto, a autora adicionou mais citações:

“Não cometi qualquer crime na China, mas não gostam de mim por causa do que faço”, comentou. “Mas estou preparado – tenho quase 81 anos, não vou sair de Hong Kong, vou continuar a lutar aqui. Se me levarem para lá, tudo

bem. Se me matarem na prisão e disserem que foi suicídio, tudo bem. Espero ir para o céu.” Falou um senhor Lee, considerado anti governo.

“A lei [da extradição] deverá passar, apesar de centenas de milhares de pessoas na rua hoje”, comentou Melissa Chan, da DW. “Como disse o activista Xiao Qiang recentemente, esta é a República Popular da China mas, apesar do nome, não se preocupa com o que o povo pensa”.

O correspondente da BBC em Hong Kong, Martin Yip, descreve este protesto como “pacífico e ordeiro”, como são normalmente os protestos em Hong Kong. “As pessoas falaram, se o governo vai ouvir, é outra coisa”, comentou. Os partidos pró-Pequim têm a maioria na Assembleia Legislativa.” (*Manifestação gigante pela “vida ou morte” de Hong Kong, Público*, 09.06.2019)

Desta maneira, as vozes oponentes, por um lado, fortaleceram a dimensão do protesto que foi “o maior” sem visto há décadas. Por outro lado, aludiram ao heroísmo, determinação e a unidade dos protestantes, contrastando com a violência da polícia e a brutalidade do governo. E assim se constrói a imagem de “uma república popular que não se preocupa com o seu povo”.

3.3.2.2. Implicatura

A palavra “Implicatura” significa a manifestação de um significado implícito para além do sentido literal do que é explicitamente enunciado.¹⁸ De acordo com Oswald Ducrot, citado por Rebelo (2000, p.97):

“Essa significação não pressuposta nem dita, situa-se ao nível do implícito discursivo: é uma estratégia do enunciador interessado em escapar aos constrangimentos do dizer, que supõe o contradizer e investe em quem diz da responsabilidade do dito.

O implícito surge, portanto, como resposta à necessidade de dizer sem ter dito; à necessidade de rentabilizar a cumplicidade inerente ao dizer, rejeitando,

¹⁸ Fonte: *Implicatura* no Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2020. Consultada em 10 de maio, 2019. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/implicatura>

ao mesmo tempo, os riscos da explicitação; à necessidade de beneficiar, simultaneamente, da eficácia da palavra e da inocência do silêncio.”

Rebello ainda acrescentou que o implícito do enunciado se revela pela existência na cadeia das proposições explícitas, de uma lacuna só preenchível pelo destinatário do discurso produzido. Desta maneira, o autor podia transmitir a sua opinião e atitude pressupostas, através do fornecimento de informações suscetíveis, permitindo que os leitores cheguem à conclusão desejada por si e pelo autor.

De seguida, vamos apresentar alguns dos títulos e de excertos de textos das notícias recolhidas, em que se verifica a implicatura.

Nos Títulos:

1. “A sombra da China paira sobre Hong Kong”
(*Público*, 18.06.2019)
2. “O ‘rinoceronte cinzento’ que assusta o colosso chinês”
- Uma notícia sobre os protestos em Hong Kong
(*Público*, 06.07.2019)
3. “Nesta cimeira do clima só há lugar para os mais ambiciosos”
(*Público*, 23.09.2019)
4. “Uma gigantesca teia de dúvidas “made in” China”
- Uma notícia sobre a preocupação com a segurança do 5G e do Huawei
(JN, 31.01.2019)

Depois de uma leitura atenta dos títulos, podemos deduzir:

Em (1): Hong Kong e a China são duas ideias. Hong Kong está sufocado e ameaçado pela China.

Em (2): A China é um país gigante e poderoso, mas provavelmente vai ter um colapso em Hong Kong.

Em (3): Não há igualdade entre os países participantes na cimeira do clima. Quem lidera são os ambiciosos, provavelmente os poderosos.

Em (4): Alerta. “Huawei”, 5G e os produtos made in China não são confiáveis.

Nos Textos:

1. “Na China continental os acontecimentos não foram noticiados.”
- *Governo de Hong Kong avança com proposta de lei sobre extradição, apesar dos protestos.*
(Público, 10.06.2019)
2. Note-se que a China investiu muito em campanhas de soft power para promover a narrativa da “ascensão pacífica”.
- *“Há mesmo quem queira um Tiananmen 2.0” em Hong Kong.*
(Público, 18.11.2019)
3. Um homem armado com uma faca entrou numa escola primária no centro da China e matou oito crianças. O fenómeno é comum no país.
- *Atacante mata oito crianças à facada em escola primária na China.*
(JN, 03.09.2019)
4. Não é o primeiro incidente deste tipo na China.
- *Asfalto “engole” autocarro e seis pessoas morrem.*
(JN, 15.10.2019)
5. Imagens transmitidas pela emissora estatal CCTV mostram mísseis a serem disparados e praças a serem atacadas por tanques e embarcações.
- *China proíbe visitas individuais a Taiwan.*
(JN, 31.07.2019)

No (1): O povo chinês vive sob a censura e não sabe nada sobre os protestos em Hong Kong. O governo chinês não lhes permitiu saber.

No (2): A China está a fazer propaganda da sua ascensão que não parece pacífica.

No (3) e (4): A China tem grande problema na segurança pública e não tem infraestruturas em condições, pois “é comum” as crianças da escolinha serem atacadas; e os incidentes na rua como “asfalto engoliu autocarro” já aconteceram várias vezes.

No (5): É muito possível a China estar a preparar-se para invadir Taiwan. Já que proibiu as visitas e até a emissora estatal mostrou os cenários ameaçadores.

3.3.2.3. Sensacionalismo

Todos os jornais são – uns mais, outros menos – sensacionalistas. Nenhum foge dessa determinação. Isso porque transformar um facto em notícia não é o mesmo que reproduzir singelamente o que ocorreu. Transformar um facto em notícia é também alterá-lo, dirigi-lo, mutilá-lo (Marcondes Filho, 1985, p.29). Embora o *Público* e o JN sejam dois dos jornais generalistas mais conhecidos em Portugal, também abrangem alguns conteúdos sensacionalistas. Apresentamos um exemplo do *Público*, escrito pela jornalista da Reuters:

A China anda a prender professores estrangeiros

Pequim quer tornar o ensino na China mais patriótico e limpo de influências ocidentais e os professores que chegam de fora para ensinar inglês são um alvo fácil.

Cate Cadell (Reuters) 13 de agosto de 2019, 19:06

(§1º) As prisões e deportações de professores estrangeiros na China aumentaram muito este ano, dizem advogados, escolas e professores, no meio de uma repressão generalizada determinada por novos métodos empregues pela polícia e a movimentação de Pequim para tornar o sistema educativo mais “limpo” e patriótico.

... ..

(Fim) “O que mudou foi que muitos membros do governo pensam que expulsar influências ocidentais como os professores de inglês é fazer o trabalho do partido e as escolas estão a aproveitar-se disso”, explica Harris Bricken, advogado de Seattle, nos

EUA, que aconselha os professores estrangeiros a não irem ensinar na China. “Os riscos de ensinar na China superam em muito as recompensas”, sublinha.

Estas partes da notícia são extraídas do título / cabeçalho, do primeiro e do último parágrafo. Considera-se que esses três elementos são as partes mais importantes numa notícia, pois são aquelas em que se inserem as informações mais importantes e valiosas, e muitas vezes os leitores leem somente o início e o fim da notícia. Por estas partes, podemos perceber a informação fundamental que esta notícia nos quer passar: a China quer um ambiente de ensino patriótico e limpo da influência ocidental, por isso está a prender muitos professores estrangeiros.

No corpo da notícia, reforça-se essa ideia através de citações das palavras dos advogados e das instituições de educação, cujos empregados estrangeiros tiveram “problemas”, o que provocou uma situação muito complicada para os professores estrangeiros na China. No entanto, além da expressão “limpeza patriótica”, o autor não utilizou muitas palavras na explicação das razões radicais: alguns professores estrangeiros estão a trabalhar na China sem Visto adequado e alguns tiveram comportamentos ilegais, como o que se refere na notícia, quando se diz que 19 professores estrangeiros foram detidos por se drogarem juntos. Por acaso, essa história de drogas aconteceu na cidade da autora, Xuzhou. Confirmando que, na altura, surgiu um coro de vozes duvidosas sobre a qualificação dos professores estrangeiros na cidade e no país. Ademais, depois de revelar essas “outras razões” possivelmente razoáveis, a jornalista logo buscou um “reequilíbrio”: voltou a frisar a campanha da educação patriótica da China e acrescentou as citações em discurso direto de uma professora americana “vítima” de uma experiência desagradável.

Capítulo 4. Imagem da China

Depois das análises quantitativas e qualitativas, bem como das análises do discurso das notícias no *Corpus*, vamos procurar formar uma imagem da China, a partir de tópicos representativos de todas as temáticas:

Temática	Assunto		Resumo
Política	Política Nacional		Um país governado pelo partido único, apesar de se ter estabelecido há 70 anos e estar em ascensão, está sob uma situação delicada. “Um Gigante com Pés do Barro”.
	Hong Kong		Caos absoluto: Hong Kong sufocado pelo governo central e democracia enfrenta ameaça de ditadura; Protestos tradicionalmente "pacíficos" tornaram-se violentos sob a violência da polícia e a negligência do governo local; Recusa de integração na pátria por parte da nova geração; Prova da incerteza política da China e da fragilidade do regime "Um País, Dois Sistemas."
	Macau		20 anos da transição de Macau para a China. Testemunho da amizade sino-portuguesa. Papel exemplar na diplomacia.
	Taiwan		Vive cada vez mais alarmada com a sombra do continente chinês, enfrentando manobras intimidatórias; Orgulhoso pela democracia e vulnerável sob a ameaça de ser invadido.
Economia	Economia Nacional		Economia forte com "Sinais da Fragilidade"; Crescimento desacelerado.
	Comércio	Comércio Internacional	Abrandamento da exportação chinesa; Portugal está a beneficiar das exportações para a China.
		Investimentos	Investimento brutal em todas as áreas mas está a entrar na "Fase de Qualidade"
		Guerra Comercial	China expansionista que retaliava sob pressão mas também “sofria mais danos”.
Diplomacia	Portugal		Visita do Estado do presidente português à China provou a amizade dos dois países e trouxe mais cooperações.
	U E		UE cautelosa e duvidosa pela “ameaça” do Oriente e pelos aliados desalinhados. Nova relação híbrida - parceria em certas áreas e concorrente em outras.
	EUA		Tensão. A China expansionista sente-se “cercada” pela superpotência e os seus aliados.
Ciência e Tecnologia	Telecomunicação		Preocupação da cibersegurança. Dúvida da tecnologia chinesa.
	Outros		A China investe e acredita-se muito no potencial da tecnologia.
Sociedade	Direito humano e Censuras		Violação dos direitos humanos. Não há liberdade de expressão. Um milhão de uigures estão presos em "Campos de concentração" em Xinjiang, segundo fontes secretas.
	Proteção do ambiente		Continua a ter muita poluição mas está a melhorar.
	Catástrofe		Vários incidentes e catástrofes. Desconfiança da segurança pública.
Cultura, Educação e Lazer	Cultura		Grande diversidade na cultura. Intercâmbio cultural entre Portugal e a China intensifica-se.
	Educação		Educação rígida mas com bons resultados; Dispararam o ensino de português na China e de mandarim em Portugal.
	Lazer		Futebolistas portugueses desenvolvem-se na China. Viagens impressionantes na China.

Tabela 9: Resumo da Imagem da China

Parte III: Razões e Sugestões

Cap. 5 Elementos que afetem a imagem da China

Existem vários fatores que intervêm na produção de notícias. De acordo com Sousa, (2002. p.2), a notícia é um artefacto linguístico que representa determinados aspetos da realidade, resulta de um processo de construção onde interagem fatores de natureza pessoal, social, ideológica, histórica e do meio físico e tecnológico, é difundida por meios jornalísticos e comporta informação com sentido compreensível num determinado momento histórico e num determinado meio sociocultural, embora a atribuição última de sentido dependa do consumidor da notícia. Schudson (1988, p.17-27) também apontou que, para compreender as notícias, há que conciliar várias explicações. Classificou as notícias em três tipos de ações:

Ação pessoal: As notícias são um produto das pessoas e das suas intenções.

Ação social: As notícias são um produto das organizações noticiosas, da sua forma de se adaptarem ao meio e dos seus constrangimentos, independentemente das intenções pessoais dos intervenientes no processo jornalístico de produção de informação.

Ação cultural: As notícias são um produto da cultura e dos limites do concebível que uma cultura impõe, independentemente das intenções pessoais e dos constrangimentos organizacionais.

No nosso estudo das notícias sobre a China nos dois jornais, os fatores que afetem a imagem da China contêm a estratégia do jornalismo, o interesse político, a divergência ideológica e a distância cultural.

5.1. Efeitos dos Quadros (*Frames*)

Como referimos na parte do enquadramento teórico, os quadros podem afetar a compreensão do assunto e a construção da opinião dos leitores. Sendo uma ação pessoal e social, formada pelos jornalistas ou pelas imprensas, um quadro pode ser repetido em

vários textos para consolidar uma única opinião implícita. Na atual era digital, de intensa partilha de informação, os quadros tornam-se ainda mais poderosos, porque permitem que *media* menos influentes utilizem, como fontes, agências ou grupos de comunicação social com maior influência, de maneira simples, sem necessidade de realizar ou formar uma opinião própria. Apenas alargam o eco da opinião do primeiro autor, nomeadamente, dos *media* poderosos. Isto é especialmente importante, quando se toma em atenção que, para a pessoa comum, a credibilidade de uma notícia está correlacionada com o número de vezes que esta notícia é repetida em diferentes meios.

Pela análise das fontes, na Parte II, verificamos que, em muitas temáticas, os dois jornais selecionados dependeram das fontes externas, a maioria das quais são as imprensas e agências dos EUA e da UE, tais como *The Wall Street*, *The Financial Times*, Reuters, Bloomberg, CNN, entre outras. Isto é, devido ao compartilhamento das informações, a imagem da China na imprensa portuguesa muitas vezes é uma imagem pronta, carente de opinião imparcial e investigação independente de fatores políticos externos.

5.2. Interesse do País

Como o *Público* e o JN são jornais portugueses e europeus, a defesa do interesse de Portugal e da UE está sempre em primeiro lugar nas suas reportagens. Em face das análises do *corpus*, concluímos que os dois jornais manifestaram opiniões neutras na maioria das notícias. Todavia, nos assuntos relativos a Portugal, seja de forma direta seja de modo subtil, os dois jornais revelam muita prudência e consideração. Como por exemplo, nas notícias sobre a guerra comercial entre os EUA e a China, normalmente só relatam o conflito sem comentários extensos. Porventura, nas reportagens das polémicas entre os EUA e a Huawei, já apresentam maior cautela nas palavras, pois tanto Portugal como a UE pretendem colaborar com a tecnologia chinesa. É o caso, por

exemplo, da notícia em que se diz que “a Google excluiu os telemóveis da Huawei do acesso à Google Play Store” (*Público*, 19.05.2019). Ainda que seja um conflito entre as duas empresas, o jornal português alerta o leitor, no final da notícia, lembrando que a participação da Huawei no desenvolvimento da rede de 5G em Portugal traria risco à segurança de informação. Em relação à Economia, apesar de Portugal estar a recolher muitos benefícios da cooperação com a China, o país, segundo os jornais, continua vigilante, dado que os investimentos chineses já chegaram a bastante áreas, incluindo as mais cruciais do país.

5.3. Dimensões Culturais

Portugal e a China são dois países localizados nos dois extremos na eurásia. No capítulo da cultura, também são muito diferentes. Na década de 80, Geert Hofstede desenvolveu um estudo cultural conhecido como Teoria das Dimensões Culturais. Esta teoria apresenta seis dimensões: Distância do Poder, Individualismo *versus* Coletivismo, Aversão à Incerteza, Masculinidade *versus* Feminilidade, Orientação a Longo Prazo e Complacência *versus* Repressão. Utilizando as dimensões de Individualismo *versus* Coletivismo, Aversão à Incerteza e Orientação a Longo Prazo, podemos explicar alguns fenómenos na construção da imagem da China nos jornais em Portugal.

A coesão entre o indivíduo e a coletividade na cultura chinesa remonta a tempos antigos. De facto, a palavra “País”, em mandarim, é composta por dois caracteres “国家 guó jiā”, que significam “país” e “casa”. Como país comunista e profundamente modelado pelo pensamento da “Harmonia” de Confúcio, a China tem preconizado a cultura coletiva desde a Antiguidade e, hoje em dia, continua a advogar essa coesão, a evitar os conflitos e a defender os deveres exigidos pela coletividade. Assim, enquanto o coletivo pensa em “nós”, a sociedade ocidental concentra-se mais no “eu”. Desatentos

a esta diferença cultural, às vezes os *media* ocidentais interpretam algumas ações de “sacrifício de si próprio, em troca do bem do grupo/país” como hipocrisia ou provas de “lavagem cerebral do governo”, quando, na realidade, se trata do sentimento coletivo de sociedade, que está presente na cultura oriental.

Cap.6. Sugestões

Face às observações feitas, podemos concluir que ambos os jornais produziram uma quantidade considerável de reportagens nas diferentes temáticas. Conclui-se, assim, que, com a melhoria do posicionamento económico e diplomático da China, os *media* portugueses têm vindo a prestar muita atenção às novidades sobre o país do Meio. Outrossim, a quantidade de reportagens também indicia a curiosidade e o interesse dos leitores por estas notícias.

Pela análise que fizemos das diferentes temáticas, verificamos estes jornais não se interessam apenas pelas notícias de economia, política e diplomacia, que são as temáticas mais comuns quando se fala da China, mas também desenharam os perfis da China de muitos outros ângulos: ciência, sociedade, cultura, etc. Este é um aspeto que deve ser realçado. Porém, ainda há algumas sugestões que precisam de ser levados em consideração.

6.1. Renovação da Informação

A exatidão da informação é um fator essencial na produção de notícias. No entanto, de vez em quando, também acontecem erros na prática jornalística. Quando isso acontece, os jornais, por motivos éticos, deveriam corrigir esses erros o mais breve possível para não afetar a sua credibilidade, recorrendo nomeadamente às versões

online. Enquanto realizávamos a nossa pesquisa, encontramos algumas dessas correções em notícias em que foi inserida informação renovada na notícia original da página de notícias de ambos os jornais. Para que isso fosse mais notório, os jornais poderiam reservar um espaço específico para essas correções em sítios visíveis. Mas há também casos em que isso não acontece, como, por exemplo, na notícia sobre a “Tragédia dos imigrantes ilegais mortos num camião na Inglaterra”. Apesar de o anúncio oficial, no início, ter sido “Os 39 corpos encontrados no camião são de cidadãos chineses”, com o avanço das investigações, as fontes oficiais esclareceram que, afinal, os corpos encontrados no camião eram de cidadãos vietnamitas. Todavia, em ambos jornais, não se encontra uma notícia individual de correção desta informação, nem uma renovação da notícia antiga. Para os leitores que não tenham acesso à informação correta e atualizada, em outros *media*, provavelmente vão continuar mergulhados no erro.

6.2. Aproximação e variação das fontes de informação

Tal como concluímos na parte da análise das fontes, os dois jornais dependem bastante de fontes externas em algumas temáticas. É compreensível que os jornais não tenham condições equivalentes às grandes agências na aquisição das informações originais, especialmente devido rasões de distanciamento geográfico. Portanto, visando formar uma notícia objetiva e completa, é aconselhável que ouçam vozes de diferentes posicionamentos e, se possível, se encurte a distância entre o jornal e as fontes, pois há sempre perda de informações e perturbações no processo de transmissão.

6.3. Intensificação dos Intercâmbios do Jornalismo e da Cultura

Pela observação do *corpus*, podemos dizer que as relações entre Portugal e a China estão “no melhor seu momento”, a vários níveis. Os dois países são amigos e parceiros económicos, a questão de Macau é vista como um exemplo diplomático e tem havido várias visitas oficiais nos últimos anos. Porém, ainda existe um grande desconhecimento um do outro. Um chinês, quando se fala de Portugal, provavelmente só se vai lembrar do pastel de nata, de Cristiano Ronaldo e das uvas (porque o nome de “Portugal”, em mandarim, contém o conceito de “uva”). Um português, quando pensa na China, ocorre-lhe logo a visão estereotipada das “invasões económicas” protagonizadas pelos pequenos negócios e pelos investimentos recentes em áreas cruciais da economia.

Atendendo à distância geográfica entre os dois países, os *media* são um dos meios mais importantes e eficazes para melhorar a compreensão mútua dos dois povos. “Sociedade” e “Cultura”, ainda que não estejam nos tópicos mais frequentemente abordados pelos dois jornais em 2019, poderiam ser temáticas muito atraentes e interessantes. Em vez de falar apenas da celebração anual do ano novo chinês, de salientar os desastres ou de referir outros aspetos mais negativos, os *media* portugueses teriam muito mais para falar sobre a sociedade e a cultura chinesa. Dos hábitos e tradições, da história antiga às mudanças contemporâneas, das marcas representativas à vida dos chineses no dia a dia... muito havia para reportar a assim ajudar a construir uma imagem completa, única e próxima do quotidiano.

Nos últimos anos, a China tem estado a amplificar o intercâmbio e a cooperação no jornalismo com muitos países, através de diálogos e de muitas iniciativas. No futuro, os dois países podem continuar a aprofundar a cooperação nos *media* em busca do benefício recíproco e do aprofundamento da compreensão mútua. Para além da promoção de fóruns, a China pode organizar mais programas de visitas de jornalistas portugueses ao seu território e oferecer mais oportunidades (por exemplo, estudos com bolsas) aos universitários para os incentivarem a conhecer a nova China. Com efeito,

os *media* portugueses também devem alargar os seus horizontes e renovar as impressões antigas. Em vez de confiar nas informações em “segunda mão”, devem tentar obter informações ao sítio mais próximo da fonte – a China.

6.4. Equilíbrio entre perfeito e imperfeito

Na promoção da imagem do país, os *media* chineses costumam apresentar os aspetos positivos e avançados, visando criar uma imagem extraordinária. No entanto, quer a respeito de uma pessoa quer a respeito de um país, não existe uma imagem totalmente perfeita. Diferentemente dos *media* chineses, os *medias* ocidentais estão sempre zelosos na revelação e aprofundamento dos assuntos menos positivos.

Face a esta realidade, os *media* chineses devam mostrar confiança e difundir uma voz firme, tanto em questões regionais como em questões internacionais. Respeitando as disputas e as críticas, devem ser proativos e responder energeticamente. Em relação aos *medias* ocidentais, devem manter a ética profissional de igualdade nas reportagens e de diversidade nas fontes. Não evitar os aspetos menos positivos, mas ao mesmo tempo respeitar as vozes diferentes das das agências mais influentes, especialmente as menos poderosas no palco dos *media*.

Conclusão

Após apresentar os enquadramentos teóricos interdisciplinares e analisar o *corpus*, quer quantitativa quer qualitativamente, vamos passar às considerações finais. Referiu-se, neste trabalho, que a construção da imagem de um país não depende apenas “do que aconteceu”, mas também da maneira como os *media* interpretam as informações relativas a aspetos fundamentais da vida de um país.

Pensamos que conseguimos cumprir todos os objetivos a que nos propusemos. Organizámos um *corpus* de textos noticiosos sobre a China, no ano de 2019, em dois jornais generalistas mais lidos em Portugal – o *Público* e o JN. Identificámos 844 notícias relacionadas com a China – 456 no jornal *Público* e 388 no *Jornal de Notícias* –, que organizámos em sete categorias temáticas: Política, Economia, Diplomacia, Ciência e Tecnologia, Sociedade, Cultura Educação e Lazer, e Outros. Depois, dentro de cada um dos sete temas, distribuímos as notícias por subcategorias.

Na análise quantitativa, interpretámos a evolução do número de notícias ao longo do ano, fizemos o levantamento e análise dos temas dominantes em cada temática e identificámos criticamente as fontes de informação usadas.

Na análise qualitativa, destacámos os temas dominantes e os resultados das implicações das atitudes inferidas nas notícias, bem com a análise do discurso jornalístico.

Dado o exposto, acreditamos que ambos os jornais estiveram atentos às notícias sobre a China e fizeram uma abordagem alargada de diferentes temáticas. Na maioria das notícias, os dois jornais conseguiram manter uma atitude neutra. Porém, também existiram algumas menos objetivas e algumas em que se aplicaram estratégias do discurso jornalístico para reforçar quadros estereotipados da China. De acordo com as visões dos dois jornais, a China é um país que está em ascensão económica, diplomática e científica. Com relações seculares pacíficas e amigáveis, Portugal e a China, hoje em dia, continuam a manter uma boa relação. Aos olhos portugueses, algumas ideias velhas

sobre esse “amigo longínquo” ainda se mantêm, todavia, têm-se vindo a alterar nos últimos anos, pela aproximação da distância na era digital e pelas mudanças operadas nos dois países.

Ainda que surjam, aqui e ali, notícias mais negativas sobre a China, é notório o esforço dos dois jornais para transmitirem novas informações e uma nova visão sobre a China. Amigos seculares, Portugal e a China são parceiros que têm vindo a aprofundar a cooperação mútua.

Em face das análises feitas, na parte III do trabalho, tentámos esclarecer algumas razões possíveis para a formação desta imagem e sugerir algumas ideias para melhorar a imagem da China em Portugal: os *media* portugueses podem buscar informações mais variadas e mais próximas das fontes, ficar atentos às renovações das informações e contextualizar melhor alguns temas. Ademais, devem mudar a visão e entender melhor as diferenças culturais. Os *media* chineses podem alargar o intercâmbio com os *media* internacionais, refrescar as teorias e práticas jornalísticas, aproveitar o desenvolvimento de novos *media* para transmitir a imagem da China de novos ângulos. Além de vincarem a sua posição nos tópicos mais importantes, podiam respeitar as divergências e responder com verdade e confiança.

Desejamos que este trabalho possa ajudar tanto os *media* quanto os povos portugueses e chineses a melhorar a compreensão mútua e a aprofundar a amizade entre os dois países.

Referências bibliográficas

- Bastos, H. (2000). *Jornalismo Electrónico – Internet e Reconfiguração de Práticas nas Redações*. Coimbra: Minerva.
- Bastos, H. (2010). *Origens e Evolução do Ciberjornalismo em Portugal. Os Primeiros Quinze Anos (1995-2010)*. Porto: Edições Afrontamento.
- Barreto, L. F. (2017). Europas – China: passado e presente – Uma breve reflexão. *Revista Militar*, 85–94.
- Retrieved from <http://www.revistamilitar.pt/artigopdf/1208>
- Brown, G. e Yule, G. (1983). *Discourse Analysis*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Chaparro, M. C. (2001). *Linguagem dos Conflitos*. Coimbra: Minerva.
- Edo, C. (2003). Rasgos y normas del estilo ciberperiodístico. In *Manual de Redacción Ciberperiodística* (pp. 353–380). Barcelona: Ariel Comunicación.
- Fairclough, N. (1989). *Language and Power*. Harlow: Longman Group UK Limited.
- Fairclough, N. (1995). *Media discourse*. London: E. Arnold.
- Fernão Luís Pinto. (1998). *Antologia dos Viajantes Portugueses na China*. Macau e Haikou: Instituto S. Wang Ed.
- Freeman, C. W. (1997). Arts of power : statecraft and diplomacy. *The Hague Journal of Diplomacy* 6(3): 413-432.
- Goffman, E. (2012). *Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise*. Pétropolis: Vozes.
- Gomes, R. (2012). *A Queda da Reportagem e os Contributos da Internet para o Sedentarismo da Prática Jornalística*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.
- Guan, W. (2000). *National Image*. Wuhan: Huazhong University of Science and Technology.

- Hangai, L. A. (2012). A Framing Analysis de Goffman e sua aplicação nos estudos em comunicação. *Ação Midiática – Estudos Em Comunicação, Sociedade e Cultura.*, 2, 5. <https://doi.org/10.5380/am.v0i3.28658>
- Hugo, V. (2016). Por Que Ler em Papel. In S. A. Tuzzo (Ed.), *Os Sentidos do Impresso* (p. 35). Goiás: Cegraf-UFG.
- Karakayali, N. (2009). Social Distance and Affective Orientations. *Sociological Forum*, 24(3), 538–562. <https://doi.org/10.1111/j.1573-7861.2009.01119.x>
- Kotler, Ph., Rein, I., & Haider, D. (1993). *Marketing Places: Attracting Investment, Industry, and Tourism to Cities, States, and Nations*. New York: The Free Press.
- Li, S. (1999). *Relação Internacional e Diplomacia da China*. Pequim: Communicat.
- Lima, S. C. de S. (2008). Os filhos do império celeste: a imigração chinesa e sua incorporação à nacionalidade brasileira. Retrieved from Rede da Memória Virtual Brasileira website: <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/rede-da-memoria-virtual-brasileira/alteridades/imigracao-chinesa/>
- Lopes, Luiz Paulo da Moita, & Fabrício, B. F. (2005). Discurso como arma de guerra: um posicionamento ocidentalista na construção da alteridade. In *DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada* (Vol. 21). <https://doi.org/https://doi.org/10.1590/S0102-44502005000300013>
- Luís Filipe Barreto, D. (2017). Europas – China: passado e presente – Uma breve reflexão –. *Revista Militar*, 85–94. Retrieved from <http://www.revistamilitar.pt/artigopdf/1208>
- Marcondes Filho, C. (1985). *O Capital Da Notícia*. São Paulo: Ática.
- Martins, D. H. (2014). As relações sociais de Erving Goffman: um quadro de interação. *Ciências Sociais Unisinos*, 50 (2), 180–181. <https://doi.org/10.4013/csu.2014.50.2.10>
- Matias, A. (2010). *Imagens e Estereótipos da Sociedade Portuguesa sobre a Comunidade Chinesa, Interação Multissecular Via Macau*. Retrieved from <https://books.google.pt/books?id=Lr1QvDeIB6cC&pg=PA30&lpg=PA30&dq=i>

imagem+da+china+no+Séc.XX&source=bl&ots=1KsNX5S6Tv&sig=ACfU3U03
yD_HyYWD4mda9dcNQEi825ce5g&hl=pt-
PT&sa=X&ved=2ahUKEwjhvobyxOLnAhUF1hoKHSSRCWUQ6AEwCHoEC
AoQAQ#v=onepage&q=imagem da china no Sé

- Michael, S. (2003). *The Sociology of News*. Nova Iorque e Londres: W. W. Norton.
- Pedro, E. R. (1998). *Análise Crítica do Discurso*. Lisboa: Caminho.
- Rebelo, J. (2000). *O Discurso do Jornal, o como e o porquê*. Lisboa: Editorial Notícias.
- Roth, M. S., & Romeo, J. B. (1992). Matching Product Category and Country Image Perceptions: A Framework for Managing Country-of-Origin Effects. *Journal of International Business Studies*, 23(3), 477–497.
<https://doi.org/10.1057/palgrave.jibs.8490276>
- Said, E. W. (2003). *Islã e Ocidente são bandeiras inadequadas*. In Said, E. W. *Cultura e Política*. São Paulo: Boitempo Editora.
- Schmitz, A. A. (2011). *Fontes de Notícias*. Florianópolis: Combook.
- Schudson, M. (1988). *Porque é que as notícias são como são? Comunicação e Linguagens*, 8: 17-27.
- Silva, A. J. L. da. (2006). *Os Diários Generalistas Portugueses em Papel e Online*. Viseu: Tipografia Guerra.
- Sousa, J. P. (2002). *Teorias da Notícia e do Jornalismo*. Florianópolis: Letras Contemporâneas.
- Traquina, N. (2001). *O Estudo do Jornalismo no Século XX*. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos.
- Tuzzo, S. A. (2016). *Os Sentidos do Impresso*. Goiás: Cegraf-UFG.
- Xu, X. (2000). National Images in International News Communication. In J. Liu (Ed.), *Internacional Communication: Collected Theses on Modern Communication* (p. 27). Pequim: Communication University of China Press.